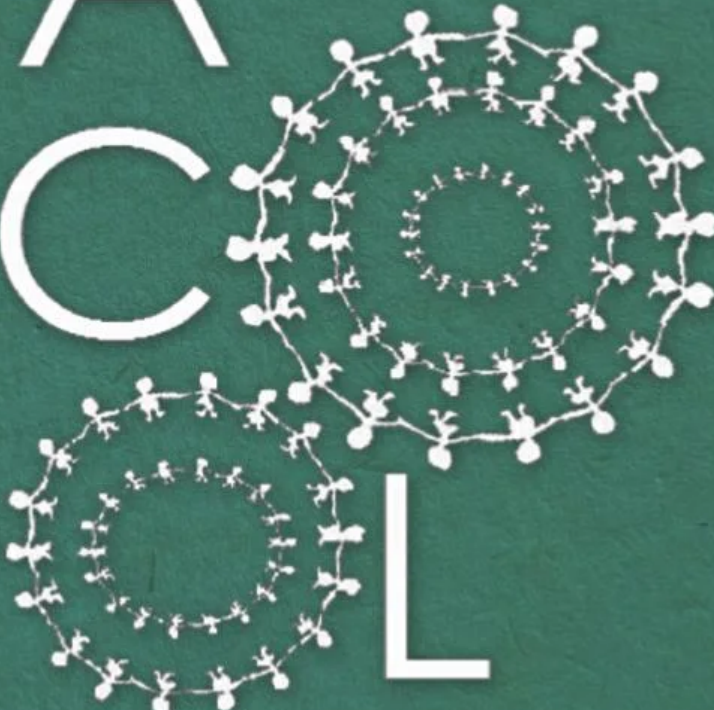


EJA EC SOL

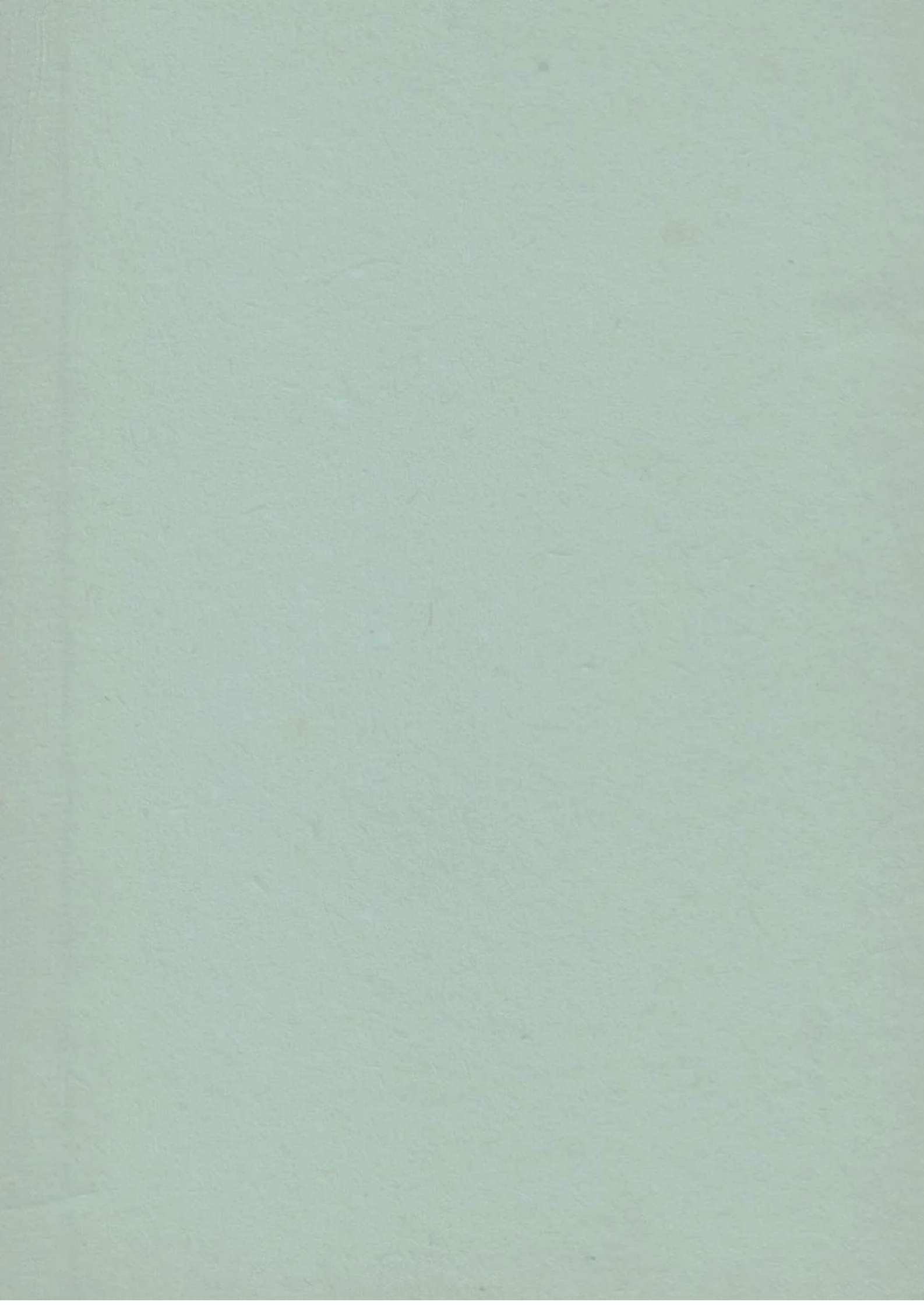


O TRABALHO ASSOCIADO E AUTOGESTIONÁRIO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

CADERNO

5

As feiras de troca como espaço de aprendizagem
de novas relações sociais de produção





Criar uma nova cultura não significa apenas fazer, individualmente, descobertas originais, significa também e sobretudo difundir criticamente verdades já descobertas. Socializá-las por assim dizer, transformá-las portanto em bases de ações vitais, em elemento de coordenação de ordem intelectual e moral.

Antonio Gramsci

FICHA CATALOGRÁFICA

TIRIBA, Lia e FISCHER, Maria Clara Bueno (coord.). Cadernos EjaEcosol. O trabalho associado e autogestionário na Educação de Jovens e Adultos (Material Pedagógico). Niterói, RJ: Incubadora de Empreendimentos da Economia Solidária – IEES / Universidade Federal Fluminense, 2012.

Ministério do Trabalho e Emprego
Paulo Roberto dos Santos Pinto (interino)

**Secretaria Nacional de Economia
Solidária – SENAES/MTE**
Paul Israel Singer

**Departamento de Estudos
e Divulgação – SENAES/ MTE**
Valmor Schiochet

Ministério da Educação - MEC
Aloizio Mercadante

**Secretaria de Educação
Continuada, Alfabetização,
Diversidade e Inclusão - SECADI**
Claudia Pereira Dutra

Universidade Federal Fluminense
Roberto de Souza Salles

**Instituto de Ciências
Humanas e Filosofia – ICHF**
Francisco de Assis Palharini

**Incubadora de Empreendimentos da
Economia Solidária da Universidade
Federal Fluminense (IEES-UFF)**
Maria Lucia Pontual Braga
Barbara Heliodora França
Sérgio Ricardo Castilho

**Coordenação do Projeto Ações de
Apoio à Educação de Jovens e Adultos
Trabalhadores em Articulação com a
Economia Solidária**
Sérgio Ricardo Castilho
Bárbara Heliodora França
Érica Barbosa
Lia Tiriba
Olinéa Cysneiros

**Coordenadores de Educação
de Jovens e Adultos**
Eliane de Oliveira (Rede Municipal de
Educação de São Gonçalo – RJ)
Ana Cristina Costa Magalhães (Rede
Municipal de Educação de Niterói – RJ)

Coordenação do material pedagógico
Lia Tiriba
Maria Clara Bueno Fischer

Consultores
Sônia Rummert
Henrique Tahan Novaes
Jaqueline Ventura
Osmar Fávero

**Professores das Redes Municipais de
Educação de Niterói e São Gonçalo**
(Ver nominata na 3ª capa)

Bolsistas da/ na Equipe Pedagógica
Diego Azevedo Sodré
Diego Sandins Ramos de Almeida
Gisela Milagres
Marcia Meireles
Tatiana de Lourdes Venceslau
Vitor Garcia
Monique Feder

Bolsistas Eja/Ecosol
Carolina Pazos Pereira
Clariana Morato Alcântara
Cristiana Maria da Silva
Diego Azevedo Sodré
Diego Sandins Ramos de Almeida
Flávia Ruas Fernandes Pereira
Gisela Milagres
Marcia Meireles
Monique Feder
Raquel Silva Barreto
Sandra Mara Alves Amâncio
Tatiana de Lourdes Venceslau
Thais Danton Coelho
Thais Barrozo Melo
Valesca de Souza Almeida
Vitor Garcia

Apoio técnico-pedagógico
Diego de Azevedo Sodré
Marcia Meireles

Programação visual e diagramação
Sylvio Marinho
Daniel Tiriba

Logomarca do projeto Eja/Ecosol
Monique Feder

Revisão
Cristiana Deluiz

Edição
Lia Tiriba

Olá, professores e professoras de Educação de Jovens e Adultos!

Olá, formadores e formadoras em Economia Solidária!

Olá, educadores e educadoras!

Bem-vind@s aos Cadernos EjaEcosol ! Organizado em seis cadernos, cada pedacinho do material pedagógico que ora apresentamos em formato digital, foi construído pensando em possíveis maneiras de articular processos de Educação de Jovens e Adultos aos princípios e práticas da Economia Solidária. No Caderno 1 encontram-se os fundamentos teórico-metodológicos que orientam os demais Cadernos, todos eles compostos de seis sessões que buscam contemplar dimensões teóricas e práticas necessárias à educação/formação em Economia Solidária – formação essa que, aos poucos, estende-se à escola pública.

A partir da premissa do trabalho associado e autogestionário como princípio educativo na constituição de novas relações econômicas, sociais e culturais, o material pedagógico pretende ser um meio pelo qual podem ser reveladas as experiências dos trabalhadores-estudantes, bem como suas capacidades de trabalho associado e autogestionário, inclusive as latentes e não manifestas. Tendo em conta a base curricular nacional de EJA, ao trazer para o currículo escolar as relações entre trabalho associado e educação, nossa intenção é contribuir para que, no interior da escola pública possam ir se tecendo práticas educativas em consonância com uma cultura do trabalho calcada nos princípios de solidariedade, autogestão do trabalho e da vida social.

Envolvendo professores e professoras das redes públicas de educação dos municípios de Niterói e São Gonçalo (Rio de Janeiro), gestores públicos, educadores dos Fóruns de Economia Solidária e outros interessados em EjaEcosol, a matriz do material formativo-pedagógico e de apoio didático foi produzida nas oficinas e discussões realizadas no Projeto de Extensão Ações de Apoio à Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores em Articulação com a Economia Solidária, desenvolvido no ano de 2011, pela Incubadora de Empreendimentos da Economia Solidária - IEES, da Universidade Federal Fluminense - UFF. Em relação à metodologia e conteúdos dos processos de formação em Economia Solidária que propomos desenvolver na Educação de Jovens e Adultos – EJA, também levamos em conta os conhecimentos até então acumulados no movimento mais amplo da Economia Solidária, expressos nos documentos elaborados pelo Fórum de Economia Solidária – FBES, Centro de Formação em Economia Solidária – CFES e Secretaria Nacional de Economia Solidária – SENAES. Entre os sujeitos dos Cadernos EjaEcosol, não podemos deixar de registrar a consultoria de pesquisadores, bem como a presença de estudantes da UFF que, na condição de bolsistas, participaram como mestres e aprendizes.

O caminho se faz ao caminhar... A todos e todas, agradecemos pela solidariedade e compromisso ético-político em defesa da educação integral das trabalhadoras e trabalhadores-estudantes de EJA.

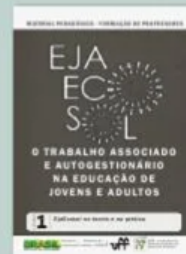
Equipe EjaEcosol

Envie sugestões e comentários para cadernosejaecosol@gmail.com

CADERNO

1**EjaEcosol na teoria e na prática**

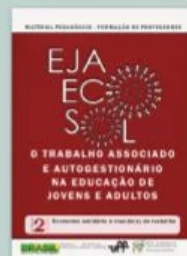
Fundamentos teórico-metodológicos
 Biblioteca Virtual
 Navegação solidária
 Videoclipes e filmes de curta
 Sala de leitura (textos em PDF)
 Referências bibliográficas



CADERNO

2**Economia solidária e mundo(s) do trabalho**

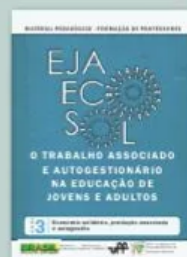
Para início de conversa...
 Atividades pedagógicas
 Palavras de trabalhadores-estudantes
 Produção associada de saberes
 O mundo dentro e fora da escola
 O que é o que é...



CADERNO

3**Economia solidária, produção associada e autogestão**

Para início de conversa...
 Atividades pedagógicas
 Palavras de trabalhadores-estudantes
 Produção associada de saberes
 O mundo dentro e fora da escola
 O que é o que é...



CADERNO

4

Economia solidária, processo de trabalho e processo educativo

Para início de conversa...
 Atividades pedagógicas
 Palavras de trabalhadores-estudantes
 Produção associada de saberes
 O mundo dentro e fora da escola
 O que é o que é....



CADERNO

5

As feiras de troca como espaço de aprendizagem de novas relações sociais de produção

Para início de conversa...	9
Atividades pedagógicas	14
Palavras de trabalhadores-estudantes	36
Produção associada de saberes	39
O mundo dentro e fora da escola	50
O que é o que é....	57

CADERNO

6

Desenvolvimento local, tecnologias sociais e finanças solidárias

Para início de conversa...
 Atividades pedagógicas
 Palavras de trabalhadores-estudantes
 Produção associada de saberes
 O mundo dentro e fora da escola
 O que é o que é....



Caderno 5

Feira: para que te quero?



Feira de Caruaru

Para início de conversa...

Sabemos que a imensa desigualdade na distribuição de riquezas proporciona um abismo enorme entre as regiões do planeta. Zonas bastante poderosas, como América do Norte, Europa Ocidental e Japão utilizam-se do poder financeiro dos bancos, bolsas de valores e outros investimentos que mantém a dependência econômica e política dos países periféricos do capitalismo. São “investimentos” que, em última instância, constituem-se como parte integrante de uma dinâmica de exploração que dificulta a soberania e autodeterminação dos povos.

Os países das zonas poderosas utilizam-se do dinheiro, beneficiando-se dos juros que dele advêm. Por ter contraído uma enorme dívida nos grandes bancos dos países mais ricos, os países mais pobres acabam sofrendo com os juros, que cada vez aumentam mais, dificultando demais o pagamento do “serviço” da dívida. Para tornar ainda mais complicada a situação desses países mais pobres, muitos deles são dependentes de uma lista reduzida de exportações primárias – são países exportadores de matéria prima de baixo custo ou são dilapidados em razão de terem algum mineral em grande quantidade – e, por importar material qualificado, apresentam déficit em sua balança comercial.

Nos processos de produção da vida social, mercadorias têm sido trocadas por outras mercadorias. Podemos trocar arroz por feijão ou serviço de eletricidade por serviço de pedreiro. As trocas podem ser diretas ou intermediadas pelo dinheiro. Para Marx, como equivalente geral na troca de mercadorias, o dinheiro passa a assumir um papel muito importante na história da humanidade. Troca-se uma mercadoria por dinheiro e este por outra mercadoria (M-D-M), ou seja, compramos o feijão com o dinheiro arrecadado com a venda do arroz. Nesse caso, o objetivo da troca é a satisfação de uma necessidade, ou seja, o objetivo é o valor de uso. Diferentemente dessa situação, existe uma racionalidade econômica que faz com

Por ter contraído uma enorme dívida nos grandes bancos dos países mais ricos, os países mais pobres acabam sofrendo com os juros, que cada vez aumentam mais, dificultando demais o pagamento do “serviço” da dívida.

que o dinheiro se transforme em capital. Nesse caso, compra-se a mercadoria com dinheiro e esta mesma mercadoria se transforma em mais dinheiro, ou seja, em capital (D-M-D’).

Na “sociedade produtora de mercadorias” o valor de uso (sua utilidade e razão de existir) é sobrepujado pelo seu valor de troca, ou seja, pelo que “vale” na troca por outra mercadoria. Por isso, Marx chama de “fetiche da mercadoria” o processo pelo qual mercadoria parece ter vida própria, tornando-se superior e independente dos próprios seres homens, determinando, assim, as relações sociais. O sentido de ter se sobrepõe ao sentido de ser. O objetivo do modo de produção capitalista é que as pessoas construam uma sociabilidade que favoreça o desenvolvimento de um espírito consumista: que cada um de nós queira comprar “o novo”, e jogar rapidamente fora “o velho”, apesar de estar em bom estado e ainda pode ser consumido por outros. Em um sistema que nos prepara para ocupar o lugar de dominados e dominadores, o consumismo alimenta o “eterno” conflito por lugares de prestígio na hierarquia social: queremos sempre ganhar mais dinheiro para ter mais coisas em busca de um sentido para viver. Com isto, estranhamos o outro e nós mesmos, principalmente quando não atendemos às demandas do mercado, ou seja, quando estamos desempregados e não podemos comprar mais e mais mercadorias. Talvez aí esteja um forte responsável pela condição de infelicidade em que vivem os indivíduos das sociedades capitalistas.

E há mais: esta frenética compra do “novo” e descarte do “velho” têm consequências danosas ao planeta. Do extrativismo até o lixo, sustentamos a cadeia produtiva de um sistema em crise, que está acabando com os recursos naturais, poluindo a Terra e denegrindo as condições de vida. Segundo o documentário *A História das Coisas* (*The*



<http://www.brasilecola.com>



Lixão de Gramacho

Story of Things), se todos os países consumissem recursos da mesma forma que os Estados Unidos da América, precisaríamos de cinco planetas iguais ao nosso para suprimir a demanda; além de que, nas três últimas décadas, nós já consumimos 30% das reservas... Sem falar dos produtos químicos usados na produção, que são cancerígenos e causam doenças respiratórias, como a asma.

Será que estamos fadados à impossibilidade de transformação da sociedade em que vivemos? O dinheiro e o consumismo desenfreado continuarão a guiar as atividades sócio-econômicas globais? É possível que a humanidade permaneça vivendo por várias gerações num mundo assim? Enfim, o que é preciso mudar?

Engraçado é notar que, apesar de o capitalismo ter abocanhado quase o mundo inteiro (processo esse chamado de *globalização* ou *mundialização do capital*), economia popular não morreu. Importante lembrar que os mercados sempre estiveram presentes em diversas sociedades, como por exemplo: o *kula* nos povos *trobriandeses*, marcado pelo dar e receber, facultativo e desinteressando e, ao mesmo tempo, o inverso; o comércio realizado na ágora, ao mesmo tempo em que ocorriam as assembleias da Grécia antiga; as feiras populares atuais, que ainda carregam heranças dos tempos pré-industriais europeus – espaços onde há manifestações culturais e encontros, além da compra e venda de mercadorias. O caráter econômico do mercado somente se descola da motivação social com o advento do capitalismo e sua lógica de acumulação de valor, conhecida também como lucro.

Assim, uma forma viável e revolucionária de se construir outra sociedade deve partir de dentro do mercado, opondo-se à produção capitalista. É preciso criar um novo mercado, de acordo com valores de democracia, autogestão e valorização da pluralidade de práticas. Como contraponto, a Economia Solidária se apresenta como uma alternativa às relações sócio-econômicas que são hegemônicas no sistema capitalista. A *Feira de Trocas* é uma das manifestações do *Mercado Solidário*.



Será que estamos fadados à impossibilidade de transformação da sociedade em que vivemos? O dinheiro e o consumismo desenfreado continuarão a guiar as atividades sócio-econômicas globais?



<http://www.carlosmartins.eu>

As Feiras de Trocas solidárias são feitas para reduzir o consumo e a criação de lixo, reutilizando coisas em bom estado e preservando o nosso planeta e seus recursos, gerando conscientização acerca do consumo. Uma *Feira de Trocas* é, assim, um evento que ocorre com periodicidade num espaço público, irrestrito, ou seja, onde qualquer um pode participar, desde que tenha algo para trocar, podendo ser até um serviço ou saber, sem ser obrigatória a intermediação de dinheiro.

Numa *Feira de Trocas*, pouco importa o “valor de troca” das mercadorias. O que vale é a utilidade (“valor de uso”) que estas coisas podem ter para cada um dos participantes. No entanto, se for necessário, é recomendado usar uma *Moeda Social* (dinheiro) para facilitar trocas. Além do mais, as Feiras de Trocas permitem que laços de amizade sejam fortalecidos entre seus praticantes; a relação hierárquica de prestígio (relação de saber) entre um professor e um trabalhador-estudante pode ser repensada e refeita durante um processo de troca.

Uma *Feira de Trocas* precisa estar vinculada aos diversos movimentos sociais, como os da Economia Solidária, associação de moradores e trabalhadores do campo e da cidade. A luta é para tornar estas redes cada vez mais consistentes e extensivas, abrangendo o mundo todo em uma “globalização solidária”. Enfim, é preciso criar uma nova cultura econômica mundial; mostrar que outra forma de lidar com as coisas e as pessoas é possível, elucidando a fundo as contradições do capitalismo e mostrando alternativas a esse sistema tão desumano.

Mas, afinal, como se realiza uma *Feira de Trocas*?

Autores: Diego A. Sodré e Diego Sandins

Ementa: Mercadoria; Valor de uso e Valor de troca. Mercado capitalista; Mercado Solidário; Feiras de trocas; Moeda social.

É preciso criar uma nova cultura econômica mundial; mostrar que outra forma de lidar com as coisas e as pessoas é possível, elucidando a fundo as contradições do capitalismo e mostrando alternativas a esse sistema tão desumano.





Participante do Curso EjaEcosol

Atividades Pedagógicas



Componente curricular: Artes

Conteúdo: Montagem e instalação de uma Feira de Trocas
Objetivo: Vivenciar experiências de trocas solidárias

Trocando saberes, compartilhando vivências...

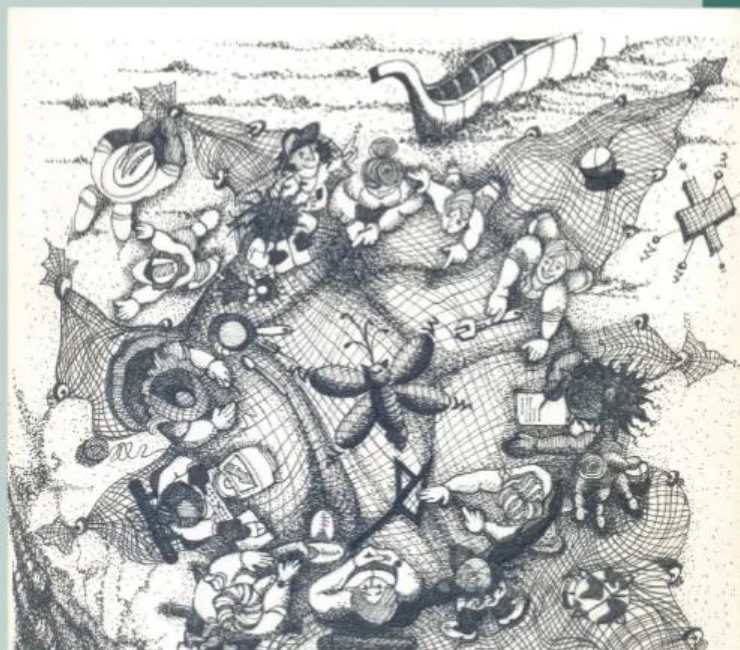
Como “Artes” poderia contribuir para a compreensão e problematização de uma Feira de Trocas? Esta reflexão reporta-nos ao conceito ontológico de Artes, que consiste em concebê-la como criação humana e, ao mesmo tempo, como trabalho – entendido como elemento de mediação dos seres humanos com a natureza. Homens e mulheres, ao contrário de outros animais, produzem casas diferentes de acordo com seu ambiente, necessidades e cultura. Por isso, Karl Marx afirma que a diferença entre o pior arquiteto e a melhor abelha é que o ser humano é capaz de projetar na mente aquilo que ele pretende realizar; e como resultado do processo de trabalho, aparece algo igual ou muito próximo ao que ele projetou.

Não é possível separar pensamento e ação, pois a *práxis* é uma especificidade do ser humano. Assim, por mais degradadas que sejam as relações sociais onde ocorre a atividade do trabalho, sempre haverá espaço para algum tipo de criação. Embora, no contexto do capitalismo, não possamos falar hegemonicamente em trabalho-criação, mas principalmente em trabalho alienado, o ato de criar é inalienável do modo de ser humano. No entanto, não podemos deixar de as-



DICAS

- Leia **Criatividade e processos de criação**, de Faiga Ostrower. Petrópolis: Vozes, 1983



Luis Zorraquino

sinalar que, no processo de produção capitalista, o processo de criação está subordinado à valorização do capital. Isso significa dizer que o entendimento da arte pressupõe o entendimento do processo social geral onde a arte é produzida para ser consumida.

Quanto vale o trabalho artístico? Quanto vale a arte? A ganância absurda de obtenção de lucro, também submete a estética aos interesses mercadológicos, ou seja, aos interesses do mercado capitalista. Não são poucos os artistas que morrem pobres, cujo trabalho-criação não foi devidamente reconhecido como valor de uso ou valor de troca. E os estudantes de EJA, em que medida são também trabalhadores-artistas? O que produzem? Será que entendem seu trabalho como arte? O que eles têm em casa que consideram arte? Haveria algo que poderiam trocar em uma Feira de Trocas?

Recursos didáticos: Saberes, serviços e objetos de arte

Passo a passo:

1 - Explique aos estudantes o que é uma Feira de Trocas e porque realizá-la.

2 - Pergunte como o componente curricular “Artes” poderia contribuir em uma Feira de Trocas. Que tal se os próprios estudantes posassem de artistas?

3 - Em seguida, convide-os para, em um prazo de 15 dias, organizarem uma “feira de trocas artística”, na qual estudantes e professores podem trocar fotografias, artes plásticas, música, dança escultura e outras manifestações artísticas. Para isso, devem procurar qualquer coisa que tenham em casa ou que saibam fazer.

4 - Organizem a logística de uma Feira de Trocas: a)



DICAS

- Para a crítica da perda do sentido do trabalho artístico, leia o artigo **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**, de Walter Benjamin. In **Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994



a divulgação e propaganda do evento; b) arrumação e decoração do espaço; c) definir quais os objetos/saberes/serviços a serem trocados, inclusive os produzidos pelos estudantes;

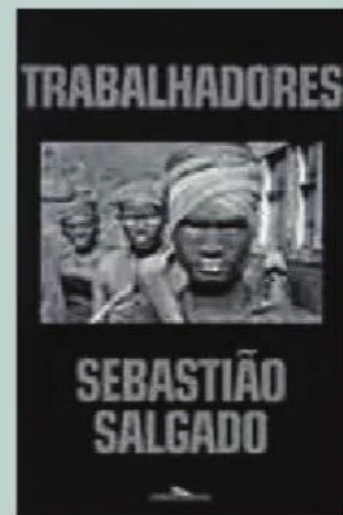
5 - No dia combinado, realizem a Feira de Trocas como se fosse igual a uma feira qualquer: os estudantes, professores e outras pessoas que quiserem participar trarão objetos, serviços e saberes relacionados à arte. A diferença está no fato de que a feira será interrompida para apresentações artísticas. Quem quiser aprender ou trocar alguma arte poderá oferecê-la para outro artista.

Avaliação: Ao término da Feira, façam uma roda e incentivem cada um a responder: como foi viver esta experiência? O que aprenderam? O que gostariam de aprender? Críticas? Sugestões?



DICAS

- Sobre as condições de vida e trabalho da classe trabalhadora, aprecie a arte fotográfica de Sebastião Salgado no livro **Trabalhadores: uma arqueologia da era industrial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1977



Escultura de Leonilson Arcanjo



Pintura Frantisek Kupka



Foto de Sebastião Salgado

Componente curricular: Ciências

Conteúdo: Relação entre seres humanos e natureza

Objetivos: Refletir sobre consequências do produtivismo e consumismo.

De onde vem o que consumimos? Para que serve?

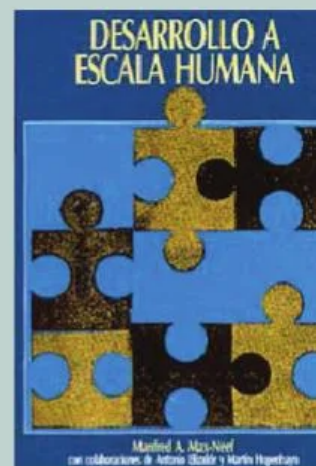
Para garantir nossa existência como espécie, precisamos satisfazer um conjunto de necessidades básicas, como alimentação, vestimenta e abrigo. Também necessitamos de amor, arte, poesia... Entretanto, sob a lógica da produção destrutiva do capital que exacerba o antropocentrismo, aproximamo-nos dos limites da Terra e da possibilidade de sobrevivência dos seres humanos. Somos envolvidos por um espírito consumista, de nos fazer sempre querer comprar “o novo”, e jogar rapidamente fora “o velho”, que, geralmente, ainda está em bom estado e ainda pode ser utilizado por outras pessoas.

De acordo com o documentário *A História das Coisas* (The Story of Things), o Planeta Terra seria incapaz de saciar a fome de todos os países, tendo que se multiplicar por cinco, se estes consumissem, no todo, igualmente o que os EE. UU. consomem (sem falar que, nas últimas três décadas, já consumimos 30% das reservas que restam). Ou seja, ecologicamente, é impossível, dentro das atuais condições tecnológicas, todos os países viverem da mesma forma do que o melhor modelo de economia liberal – o american way of life.



DICAS

- Leia o livro **Desarrollo a escala humana**, de Manfred Max-Neef. (Estocolmo/ Buenos Aires, Montevideo: Editora Nordan, 1986).

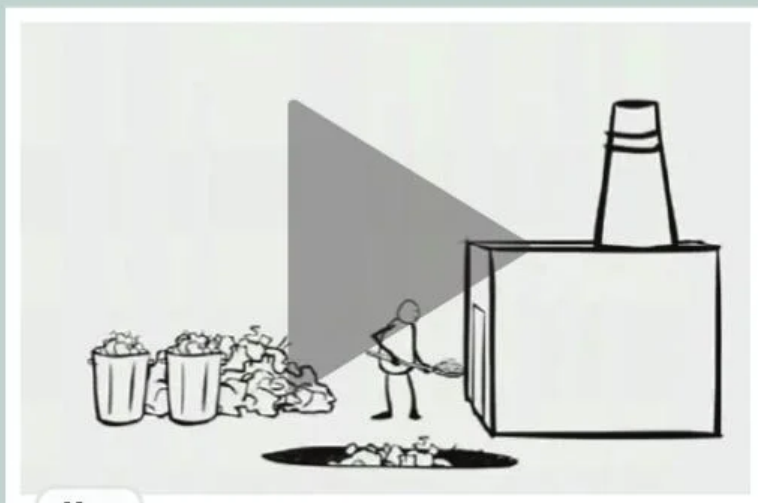


Analisando toda a cadeia produtiva deste sistema econômico, da extração até a reciclagem, detectando suas falhas estruturais – resumidas acima, será que o capitalismo revolucionará os mecanismos capazes de manter as atuais condições de produção e consumo, enfim, acumulação de capital, antes de uma possível extinção humana acontecer? A resposta é incerta, mas outras propostas de sociedade sempre farão sentido em momentos de crise.

Portanto, nossa proposta faz sentido quando nos convencemos de que uma mudança de hábitos cotidianos é de suma importância, aliada a uma mudança estrutural. Nesta atividade focaremos na necessidade de conhecer a cadeia produtiva dos produtos e escolher, dentro do possível, aqueles feitos pela Economia Solidária.

Recursos didáticos –

Vídeo **A história das coisas**,
de Louis Fox



<http://migre.me/9olP5>

Passo a passo:

1 - Assista ao vídeo *A história das coisas* com os estudantes e peça que anotem em seus cadernos aquilo que mais chamou a atenção.



DICAS

- Sobre a produção destrutiva do capital confira o excelente livro de Carlos Walter-Porto, **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

2 - Ajude-os na compreensão sobre as necessidades básicas dos seres humanos e objetivos da produção capitalista. Tendo em conta o que os estudantes já aprenderam nas aulas anteriores, inicie um debate acerca da questão ecológica.

3 - Como tarefa de casa, peça que, individualmente, os estudantes listem os produtos vendidos nas ruas, nas chamadas lojas de 1,99 e nos grandes magazines da cidade. Peça que observem o tipo de matéria prima e a real utilidade das mercadorias para satisfação de nossas necessidades básicas. Dê uma semana para a pesquisa.

4 - Em sala, peça que os trabalhadores-estudantes se organizem em pequenos grupos para elaborar um trabalho escrito no qual, a) descrevam os resultados das pesquisas e campo; b) reflitam sobre as consequências do produtivismo e consumismo para o meio ambiente; c) estabeleçam critérios para entrada de produtos em uma Feira de Trocas ecológica.

Avaliação: Analisar a participação dos estudantes na atividade a partir de suas intervenções no debate do documentário, na realização da pesquisa e na organização da Feira de Trocas.



DICAS

- Veja o filme de **De la Servidumbre Moderna**, de Jean-François Brient.



<http://migre.me/9oIS1>

- Veja as matérias sobre Economia Solidária e meio ambiente no Jornal **O Ecoambiental**
<http://migre.me/9oJBJ>

Componente curricular: Educação Física

Conteúdo: Ginástica laboral

Objetivo: Refletir sobre as funções da ginástica laboral em processos de trabalho assalariado e trabalho associado.

Saúde do trabalhador ou saúde do trabalho?

Com a crise do Estado do Bem-Estar Social, a responsabilidade por uma vida saudável tornou-se, cada vez mais, objeto de decisão pessoal. Quem quiser ter uma vida saudável, que se matricule na academia mais perto de seu local de trabalho ou moradia. Os trabalhadores da chamada “classe média”, ou seja, os trabalhadores que recebem salários menos aviltantes, tornaram-se alvo das academias: Um excelente nicho de mercado! No entanto, também os empresários estão preocupados com a saúde do trabalhador (ou, pelo menos, preocupados com a “saúde do trabalho”). Ao invés de diminuir a intensa jornada de trabalho, os empresários sugerem exercícios de *yoga* ou de alongamento para amenizar as dores do trabalho, da vida e do corpo. Orientada por um professor de Educação Física ou por um Fisioterapeuta, a ginástica laboral tem como objetivo garantir que o trabalhador esteja em boas condições físicas (e emocionais) para tocar o trabalho o mais produtivamente possível, ou seja, garantir um ritmo de trabalho “sem porosidade”!

A Educação Física entra neste jogo como “um passaporte que, por si só ou no mínimo de forma prioritária, garantiria acesso ao mundo da Saúde”, isto é, uma “forma de negligenciar ordens de fatos tão ponderáveis como condição nutricional, de habitação, transporte,



DICAS

- Para mais informações sobre saúde coletiva leia: a) GONÇALVES, Aguinaldo; PIRES, Giovanni de Lorenzi. **Educação Física e Saúde**. MOTRIZ, Vol. 5, Nº 1, jun-1999 e b) SANTOS, Ivan dos; SILVA, Dirceu Santos; BORGES, Kleidiana Cássia Silva. **Percepções da educação física no campo da saúde coletiva: limites e possibilidades**. Revista Digital, Buenos Aires, Ano 14, Nº 136, set/2009.

trabalho e distribuição populacional da produção, para conferir à Atividade Física a centralidade da questão sanitária” (GONÇALVES; PIRES, 1999). Nesse sentido, em uma aula de Educação Física, o professor deve ensinar uma determinada atividade como algo importante para a saúde do trabalhador-estudante, mas sabendo que a vida saudável depende “de uma série de processos biológicos, ambientais, sociais, políticos e econômicos” (SANTOS; SILVA; BORGES, 2009); enfim, de questões que promovem a saúde coletiva.

Como proposta e processo de (re)construção da realidade humano-social, a Economia Solidária é marcada pela propriedade e posse coletiva dos meios de produção e pela horizontalidade das relações entre os seres humanos no processo de produzir a vida em sociedade. É, fundamentalmente, o manifesto e o exercício do direito a uma vida melhor. Mais que *fitness* ou “malhação”, a realização desta utopia requer a reflexão sobre a importância da saúde física, mental e emocional, o que requer o cuidado com o corpo em todas as suas dimensões. . .

Recursos didáticos:

Passo a passo

1 - Na primeira aula, inicie um debate sobre o que é saúde. Como nosso corpo responde e interage com o meio ambiente? Qual o papel da ginástica laboral?

2 - Para refletir sobre o corpo-trabalhador, peça aos estudantes que, em grupos, simulem experiências de trabalho assalariado. Peça que coloquem seus corpos em ação, considerando os aspectos físicos, mentais e emocionais.

3 - Depois da apresentação dos grupos, promova um debate sobre o processo de trabalho capitalista. Que tipos de exercícios físicos poderiam ajudar para amenizar a “dor do corpo”? Para que serve a ginástica laboral?



DICAS

- Sobre a “indústria da saúde” dos Estados Unidos, veja o trailer do filme **Sicko \$0\$ Saúde**.



<http://migre.me/9oKA9>

- É super interessante a leitura do capítulo XIII de **O Capital**, denominado **Maquinaria e grande indústria**. Nele, Marx analisa como a Revolução Industrial modifica radicalmente a atividade corpórea do trabalhador (São Paulo: Abril Cultural, 1984)

4 - Na aula seguinte, depois de explicar sobre as características do trabalho associado e autogestionário, divida a turma em grupos. Dessa vez, peça que os estudantes simulem como seria o trabalho em um empreendimento da Economia Solidária. Considerando os aspectos físicos, emocionais e mentais, como o corpo-trabalhador se manifestaria? Que cuidados deveria se ter para prevenir doenças do/no trabalho?

5 - Depois da apresentação dos grupos, reinicie o debate. Tendo em conta e comparando os dois processos de trabalho, para que serve a ginástica laboral? Que outros elementos são fundamentais para garantir a saúde do trabalhador? Aproveite para destacar os desafios e limites do componente curricular Educação Física na construção de uma sociedade melhor.

Avaliação: Observar se os trabalhadores-estudantes desenvolvem, no decorrer da atividade, uma percepção de que saúde e trabalho dependem da natureza do tipo de sociedade em que se vive e não somente do cuidado individual com seu corpo e saúde.



DICAS

- Veja se é possível conseguir o filme **Tempos Modernos**, de Charles Chaplin. É um clássico do cinema que nos ajuda a compreender como, sob a lógica do capital, o desenvolvimento tecnológico contribui para submeter o trabalhador ao processo de produção.



Componente curricular: Geografia

Conteúdo: Poluição ambiental

Objetivo: Refletir sobre os problemas de degradação do meio ambiente e, em contrapartida, as manifestações ecossolidárias em prol do planeta.

Trocas solidárias entre seres humanos e natureza

Para nos tornar seres humanos, atuamos, interferimos e modificamos o ambiente em que vivemos, seja para suprir nossas necessidades imediatas de subsistência, seja para alcançar benesses de ordem material e espiritual. As relações com a natureza podem ser desumanas, mas, no entanto, é recente a preocupação com aos resultados negativos projetados para o planeta. A preocupação ambiental é um fenômeno que tem suas raízes mais imediatas na década de 1970. No auge da Guerra Fria, protagonizada pelas duas grandes superpotências da época (EUA e URSS), ocorre, em 1972, a Conferência de Estocolmo, promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU). Tal evento é considerado a primeira iniciativa internacional para se pensar as relações entre ser humano e natureza. Colocou-se em pauta questões como os riscos da utilização de energia nuclear e os impactos dos grandes desmatamentos e das queimas de combustíveis. Desde então, coloca-se em xeque a ideia de “desenvolvimento a qualquer custo”, tributária direta das sucessivas revoluções científico-tecnológicas motivadas pela lógica de acumulação capitalista desde o século XVIII. Questões como a poluição das águas, matas, mangues, atmosfera, etc., têm preocupado cientistas, governantes, partidos políticos, movimentos ecológicos e amplos setores da sociedade civil.



DICAS

- Vocês podem realizar uma *Feira de Trocas* na escola, com ou sem *moeda social*, onde os estudantes e você poderão vender aquilo que produzem.



Mas afinal, como o movimento da Economia Solidária pode, na prática, contribuir nesta discussão? O movimento ecossolidário busca promover uma sociedade orientada por relações democráticas de produção e consumo, a partir de mercados solidários. Nestes espaços, produtores da Economia Solidária podem vender produtos que respeitam o meio ambiente, ou trocá-los por outras mercadorias, saberes e serviços com o uso ou não de moedas sociais. O objetivo não é o lucro, mas o respeito à natureza e o bem estar dos seres humanos, indiscriminadamente.

Recursos didáticos: Chamada de TV “Brasil Solidário - sustentabilidade”: <http://migre.me/9oPni>

Passo a passo:

1 - Depois de explicar sobre os problemas de poluição ambiental, provoque a discussão entre os estudantes sobre algumas manifestações ecossolidárias.

2 - Assistam ao vídeo acima (duração de 1min e 40s) e, em seguida, voltem a discutir se estas manifestações são realmente capazes de proteger o planeta a Terra e contribuir para construir uma sociedade melhor.

3 - Solicite que os estudantes busquem, na biblioteca da escola ou do bairro, livros e revistas sobre meio ambiente. A partir dos materiais encontrados, ajude-os a compreender melhor que as relações dos seres humanos com a natureza podem ser solidárias (e não destrutivas).

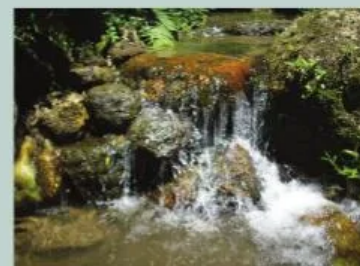
Avaliação: Analisar a participação nos debates, considerando os saberes dos estudantes e o conteúdo desenvolvido pelo professor.



DICAS

- Leia o que diz a Nações Unidas no Brasil – ONUN sobre o meio ambiente:

<http://migre.me/9oPma>



Componente curricular: Matemática

Conteúdo: Operações básicas; porcentagem.

Objetivos: Perceber a importância da criação de uma moeda social.

Calculando com moeda social

Sabemos que, historicamente, o dinheiro apresenta-se como o “equivalente geral” no processo de trocas de mercadoria. Podemos trocar, por exemplo, um quilo de feijão por dois quilos de arroz (escambo), ou simplesmente ir ao supermercado para trocar cinco reais por dois quilos de arroz. A moeda, entendida como sinônimo de dinheiro, tem a função de troca, servindo como medida de valor e como unidade contábil. Além disso, à moeda é atribuída a função de permitir o entesouramento, por meio da reserva ou da acumulação. Entre outros, foi a “acumulação primitiva do capital” que possibilitou a apropriação privada dos meios de produção, obrigando os não-proprietários (o proletariado) a vender sua força de trabalho para a burguesia. A acumulação capitalista consiste em transformar o dinheiro em mais dinheiro (D-M-D’), obtido por meio da exploração da força de trabalho ou da obtenção de juros e outros ganhos especulativos obtidos em operações financeiras. Em vez de produzir o bem estar da humanidade, o objetivo do



DICAS

- Leia **História da Riqueza do Homem**, de Léo Huberman (Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981)

<http://propositu.blogspot.com.br>



mercado capitalista é produzir, a qualquer preço, o Deus dinheiro.

Afinal, qual a diferença entre uma moeda convencional e a *moeda social*? Na Economia Solidária, as *moedas sociais* são importantes para favorecer o desenvolvimento local. São utilizadas nos bancos comunitários, feiras, clubes de troca e no dia-a-dia de uma comunidade, bairro ou cidade em que as pessoas se organizam pelos princípios da Economia Solidária. A utilização de *moedas sociais* deve ser acompanhada de processos educativos que contribuam para desmitificar as relações sociais entre produtores e consumidores, facilitando as trocas num mercado solidário. Afinal, a Economia Solidária pauta-se por relações autogestionárias, em que todos são igualmente gestores dos meios de produção da vida social.

Se, de um lado, a *moeda social* pode representar um simples paliativo ao sistema capitalista, de outro, é preciso não esquecer que é de dentro do capitalismo que nascerá o “novo”, assim como ocorreu diversas vezes na História, na passagem de um modo de produção para outro. Sendo assim, que tal fazer exercícios de matemática criando uma *moeda social*?

Recursos didáticos – Cálculos matemáticos.

Passo a passo:

1 - Debater com os estudantes sobre *moeda social*, seus limites e possibilidades.

2 - Fazer exercícios de matemática usando *moeda social*. Exemplos de exercício:

a) No Estado do Rio de Janeiro, existem alguns municípios que possuem *moeda social*, o que vem contribuindo para a melhoria da qualidade de vida da população. No município de Silva Jardim, a moeda



DICAS

- Consulte verbetes sobre moedas sociais no dicionário **A outra economia**, organizado por Antonio David Cattani. Porto Alegre; Veraz, 2003.

Capivari já se tornou rotina na vida dos moradores, que conseguem descontos na maioria dos estabelecimentos do comércio local. Em média, com o uso da moeda *Capivari*, consegue-se desconto de 10% no supermercado ou mercado popular, 8% nas farmácias e 15% nas lojas de vestuários. Correndo atrás de descontos, os moradores conseguem economizar para satisfazer outros prazeres da vida, o que repercute no desenvolvimento local. Se usar a moeda *Capivari*, quanto economiza um morador numa compra equivalente a R\$ 150,00 no supermercado? A despesa mensal de uma família é equivalente a R\$368,00, sendo R\$ 212,00 no mercado, R\$ 84,00 na farmácia e o restante com vestuário. Quantos *Capivaris* economizaram em um mês comprando no comércio local?



b) Numa feira popular do Preventório (Niterói/RJ), os pescadores de uma associação ecossolidária vendem o quilo de sardinha por R\$ 7,00 e o camarão por R\$ 20,00. Se a associação vender, em reais, 70 quilos de pescado num dia, sendo 25 quilos de camarão e 45 de quilos de sardinha, quanto, no fim da feira, terão arrecadado? Sabendo-se que a associação dá desconto de 10% para quem usar a moeda *Prevês* (em vez de reais), quanto você e sua família economizariam na compra de 1 quilo e meio de camarão e 2 quilos de sardinha?

Avaliação: Solicitar que, em pares, os estudantes criem exercícios para calcular quanto cada um poderia economizar por mês para ir à escola se, com a utilização do *Capivari* ou *Prevê* tivessem 10% de desconto na passagem do ônibus.



● Para mais informações sobre Moeda Social, acesse: <http://migre.me/9oPog>

● Sobre a experiência do município de Silva Jardim, no Rio de Janeiro, veja <http://migre.me/9oPpV>

Componente curricular: Inglês

Conteúdo: Vocabulário; Conversação

Objetivo: Aprender o que é uma feira de trocas; ampliar o vocabulário e estimular a comunicação em Inglês.

I need, I offer: uma feira pra inglês nenhum botar defeito

Você já participou de uma Feira de Trocas? Constituindo-se como uma das diversas manifestações da Economia Solidária, elas são eventos em que trocamos qualquer coisa que esteja em bom estado. Tudo o que temos em excesso ou não precisamos, pode se tornar algo precioso para ser trocado por outra coisa super preciosa. Podemos trocar uma geladeira usada por uma escrivaninha ou por serviços de eletricitista? Saudades do rádio de pilha? E aquele último DVD do Zeca Pagodinho, que você ganhou em dobro no aniversário? Quem sabe fazer alguma coisa, ensinar àquele que não sabe? Assim, vamos criando uma rede de produtores e res. De preferência, que cada um consiga ser um “prosumidor” (consumidor + produtor).

E se trocássemos “figurinhas” sobre como vai a vida em Niterói, São Gonçalo e em outros rincões do Planeta Terra?

As trocas podem ser diretas (mercadoria por mercadoria) ou intermediadas por uma moeda social. Estas trocas ensinam outra maneira de lidar com coisas e, principalmente, com as pessoas, sem denegrir ou reificar as relações dos seres humanos com a natureza, mediadas pelo trabalho. É muito bonito o fato de que a freqüente prática de organizar e participar de



DICAS

- Esta atividade pode facilmente se tornar transdisciplinar. Um professor de espanhol participaria pedindo os nomes dos objetos em espanhol. Os professores de História e Geografia participam com elucidações sobre indústria, descarte, aquecimento global, história das trocas, sociedade de consumo, entre outros...

feiras possibilita criar ou reforçar laços de amizade, além de contribuir para a formação de produtores e consumidores muito exigentes!

Mas, fica-nos a pergunta: como podemos aliar o ensino de inglês a uma Feira de Trocas? A primeira coisa a saber é como se diz “Feira de Trocas” em inglês. Nessa atividade pedagógica, você pode ensinar como trocar *mugs* por a *wallet*; no entanto de maneira contrária aos preceitos da chamada “sociedade de mercado”.

Diferentemente do mercado capitalista, a Economia Solidária vem se construindo na perspectiva de que, não apenas nas Feiras de Troca da escola (ou próxima à escola), as pessoas possam estabelecer relações econômico-sociais de novo tipo. Além de muito divertida, a Feira de Trocas (seja ela onde for) pode contribuir para que as pessoas descubram que vale a pena viver experiências de fazer/pensar a economia de maneira diferente. Conforme indicamos na sessão *Produção associada de saberes* (desse capítulo), além de educativas, as Feiras de Trocas contribuem para estimular e fortalecer redes associativas entre as pessoas da escola, entre a escola e outros grupos associativos e entre a escola e a sociedade em geral.

Nessa atividade, podemos questionar se *time* é necessariamente *money*. Por que no capitalismo se diz que *time is money*?

Recursos didáticos: Dicionário inglês-português e português-inglês;



DICAS

- Converse com seus colegas de trabalho sobre a possibilidade de organizar uma Feira de Trocas na escola.

<http://migre.me/9oQ9G>



Componente curricular: Orientação Profissional

Conteúdo: Mercado solidário

Objetivo: Compreender que as organizações da Economia Solidária podem se tornar viáveis se estiverem vinculadas a uma ampla rede de solidariedade.

Utopia e realidade

De acordo com o senso-comum, tanto os trabalhadores/as como os patrões se sentem explorados uns pelos outros. Os primeiros percebem que não estão recebendo um salário justo, compatível com o trabalho despendido; os segundos sentem-se incompreendidos porque os empregados não se empenham em cumprir o que lhes foi determinado e, ainda por cima, reclamam que os salários são muito baixos. Na verdade, isto nada mais é do que uma manifestação da luta de classes. Os trabalhadores querem conquistar mais direitos e benefícios, enquanto os patrões querem cortar gastos para lucram mais. Os empregados buscam conter a sede vampiresca dos burgueses, preservando o que podem de seu sangue.

Como resolver este impasse? A Economia Solidária não é redentora da humanidade; o fim das contradições entre capital e trabalho pressupõe o fim do próprio capitalismo. Na Economia Solidária, as relações de poder são colocadas de cabeça para baixo; a força de trabalho deixa de ser uma mercadoria, cujo valor de uso, no capitalismo, é a produção de mais valores do que o valor investido pelo empresário. Os trabalhadores/as são igualmente proprietários coletivos meios de produção, decidindo de forma autogestionária os rumos do processo de trabalho. No entanto, a própria vida tem mostrado que é no mercado solidário que os empreendimentos da Economia Solidária podem ganhar força: seus produtos circulam em festivais, feiras e clubes de troca e até mesmo no mercado comum, competindo com as mercadorias capitalistas. Em feiras e clubes, podem ser trocados;



DICAS

- Sobre o que é mais-valia, acesse o quadrinho em <http://migre.me/9oQeY>



<http://www.ecosol.org.br/>

- Para saber mais sobre comércio justo e solidário, acesse: <http://migre.me/9oQhB>

em festivais e no mercado comum, podem ser vendidos, usando-se moedas sociais ou não. É exatamente esta rede solidária de produção, distribuição e consumo que faz com que, na prática, outra economia aconteça.

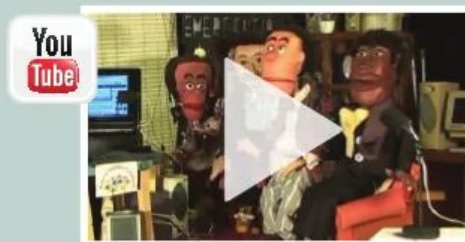


Recursos Didáticos: Vídeos:

- *Pontos Fixos: Estratégias de Comercialização Solidária:*
<http://migre.me/9oQM1>



- *Comércio Justo e Solidário: Sistema Nacional de Comércio Justo e Solidário*
<http://migre.me/9oR03>



- *Consumo Solidário: Cadeias Produtivas na Economia Solidária*
<http://migre.me/9oQUJ>



Passo a passo:

1 - Converse com os trabalhadores-estudantes sobre o que é Economia Solidária. São viáveis as organizações econômicas que se fundamentam na autogestão do trabalho e da vida social? Como elas podem se fortalecer? Faça referência ao Mercado Solidário.

2 - Assista com os estudantes aos três vídeos. Após, pergunte as impressões sobre o que viram; retome o debate.

3 - Por fim, peça uma redação com o seguinte tema: podemos viver da Economia Solidária? Ela é utopia ou realidade? Ou as duas coisas ao mesmo tempo? Por quê? Avaliação: Comprometimento com o andamento da atividade, incluindo atenção e realização das tarefas.

- Leia **Como organizar redes solidárias**, de Euclides Mance. (Rio de Janeiro: DP&A, Fase, 2002).



Componente curricular: Língua Portuguesa

Conteúdo: Leitura, interpretação, escrita e oralidade.

Objetivo: Perceber a variedade linguística existente em nossa cultura, oportunizando o trabalho de leitura e escrita com o gênero literário do cordel.

Fazendo literatura de cordel

A cultura popular se manifesta de diferentes maneiras; a literatura de cordel é uma delas. Pendurado em cordões e introduzido no Brasil durante a colonização portuguesa, o cordel trata de diversos temas relacionados à produção da vida social: futebol, religião, economia e política. Relatos da vida cotidiana, biografia de personagens e episódios históricos são algumas das especialidades dos cordelistas. Mais que relatos, a literatura de cordel contém opiniões, pontos de vista e análises sobre as relações sociais, geralmente contundentes. Veiculados em folhetos impressos e muitas vezes vendidos pelos próprios autores, o cordel caracteriza-se, desde a Idade Média, como uma maneira diferente de falar, contar e fazer história. Além de constituir-se como forma de garantir a sobrevivência dos artistas populares, o cordel nos fala da vida como ela é e como poderia ser. Ao trabalhar, o cordelista faz cultura, ajudando-nos a perceber que o econômico e o político não estão desgarrados da vida cotidiana do povo.

Sobre os diversos significados das relações sociais, Karl Polanyi lembra que é só a partir do século XIX que o “econômico” passa a determinar a vida cotidiana. Até então, “os sistemas sociais estavam organizados seguindo os princípios da reciprocidade, da redistribuição, da administração doméstica, ou de uma combinação dos três” (Polanyi, 1989:100). O autor lembra que, há mais de dois mil anos, Aristóteles já denunciava que a produção centrada no lucro não era algo natural ao ser humano; nesse sentido, a *crematística* de Aristóteles anunciava o divórcio entre o social e o econômico. Talvez por isso per-



DICAS

- Sobre a variedade de temáticas abordadas na literatura de cordel, veja o vídeo **O universo do Cordel**



<http://migre.me/9oR6m>

- Para saber mais sobre cordel, acesso o sitio da Associação Brasileira de Literatura de Cordel. <http://www.ablc.com.br/>

sista a literatura de cordel, persistam feiras e mercados populares onde, além de trocar excedentes de produção, as pessoas trocam idéias, afeto e cultura. Ao contrário do mercado capitalista, o mercado solidário veio para dizer que é possível existir outras formas de produzir, distribuir, trocar e consumir. Nada melhor que um bom cordel para explicar que é possível outra cultura do trabalho; outra cultura econômica.

Recursos didáticos: **Cordel Solidário** e verbete **Mercado Solidário** (disponíveis nas seções **Produção associada de saberes** e **O que é o que é**, desse caderno)

Passo a passo:

1 - Sugerir a leitura silenciosa e individual do **Cordel Solidário**.

2 - Depois de debater sobre variedade linguística e as características do cordel como gênero literário, sugira a leitura oral e coletiva do **Cordel Solidário**.

3 - Problematizar algumas questões abordadas no texto, como: O que podemos fazer coletivamente para garantir a sobrevivência? Quais os limites do mercado solidário? Será ele o redentor da humanidade ou algo para amenizar a pobreza? Além de mudar as nossas atitudes, o que mais é preciso mudar na perspectiva da Economia Solidária?

4 - Apresente o verbete **Mercado Solidário** como gênero literário distinto do cordel. (O verbete está disponível na seção **O que é o que é**, desse capítulo).

5 - Depois de explicar e discutir o que é mercado solidário, proponha que, em pequenos grupos, os estudantes produzam cordéis que falem sobre as características desse mercado, em contraposição ao mercado capitalista.

Avaliação: Leitura e análise da forma e conteúdo dos cordéis produzidos pelos estudantes.



- Sobre processo de troca, leia o Capítulo 2 de **O Capital**, de Karl Marx (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980).

- Faça uma pesquisa na internet sobre a utilização da literatura de cordel como recurso pedagógico na Educação de Jovens e Adultos.



Tarsila do Amaral. Os operários, 1932

Palavras de trabalhadores-estudantes...

Colecionando depoimentos...

Para a Feira de Trocas de minha escola levei alguma peça de roupa, mas no momento ninguém se interessou. Tentei levar outra vez, mas ninguém se manifestou. Eu não desisti! Aí, foi que alguém se manifestou e quis o que eu estava trazendo. Eu fiquei muito alegre pelo interesse dela e também gostei de alguma coisa que ela trouxe. Ela foi muito importante para mim. Fiquei muito feliz por saber que alguém gostou de trocar algo que lhe interessasse. Foi maravilhoso para ela e para mim também.

A Feira de Trocas do meu colégio foi muito boa, apesar de eu não ter participado corretamente. Mas tenho a certeza de que quem participou gostou, e muito. A feira de trocas foi justa. O que é ser justo? É quando a troca é boa para as duas pessoas.

A feira de trocas da minha escola para mim foi muito boa porque eu pude me desfazer do que eu não usava. E troquei porque eu vou poder usar. Eu adorei a feira de trocas. Todo mundo deveria participar da feira de trocas.

Uma feira de troca justa é quando a gente faz trocas que sejam boas para as duas pessoas.



Afinal, o que Karl Marx tem a dizer sobre as trocas? De acordo com esse autor:

A troca direta dos produtos assume, sob um aspecto, a forma de expressão simples do valor e, sob outro, não. A forma simples do é: x da mercadora $A = y$ da mercadoria B . A forma de troca direta dos produtos é: x do objeto útil $A = y$ do objeto útil B . Os objetos A e B , aqui não são mercadorias antes da troca, mas só viram mercadorias através dela. Um objeto útil só pode se tornar valores-de-troca depois de existir como não-valores-de-uso e isto ocorre quando a quantidade do objeto útil ultrapassa as necessidades diretas do produtor. Marx, O capital. Volume 1, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980, p. 97.



Participantes do Curso EjaEcosol

Produção associada de saberes

Durante o Curso EjaEcosol, promovido pela Incubadora de Empreendimentos da Economia Solidária – IEES/UFF, algumas professoras nos brindaram com belo Cordel. Não é novidade dizer que na Educação de Jovens e Adultos, como em qualquer outra modalidade de ensino, é importante haver espaço para as diversas formas de manifestação artística. O Cordel é uma delas. E pode ajudar os trabalhadores-estudantes e também os professores/as de EJA a expressar seus conhecimentos e sentimentos.



Mercado solidário - Cordel

Em uma comunidade
Precisamos aprender
Com solidariedade
Fazer a economia crescer

Todos pensando juntos podemos debater
O que devemos fazer pra poder sobreviver

Trocando nossas ideias e com muita empolgação
Fazendo com nosso trabalho
Um grande mutirão que
Levará o nosso povo
A uma grande evolução

Identificar nas semelhanças das feiras
Do sertão nordestino
Com o mercado solidário

Compreender a importância do
Mercado solidário
Para o desenvolvimento humano
De uma forma mais justa igualitária
Essa história de mercado já
Virou competição
Queremos ver nossos filhos
Crescendo com outra versão
Crescendo com outra visão
Nada de luxo mal dividido
Isso é exploração

No mercado solidário
Temos que valorizar
Aqueles produtores que
Nos ensinam a compartilhar
Sonhar é uma alternativa de transformação
Que nos permite acreditar
Que somos todos irmãos



**Autoras: Professoras Mônica, Márcia, Lucilene, Josélia, Maria Lúcia e
Angélica (participantes do curso)**

Domingo também é dia de feira!

É domingo. Acontece mais uma *Feira de Trocas* na escola pública do bairro. A feira é organizada por alguns professores que se dedicam de corpo e alma a tudo que acreditam. Para fazê-la acontecer, animam o espaço com decorações, música e trazem seus objetos em bom estado para trocar. Além de querer algo para satisfazer suas necessidades, seus motivos para trocar ou não comprar são sinceros e justos. Esta é a terceira vez no mês que ocorre uma feira e são ainda poucos aqueles do bairro que participam. Até os colegas de trabalho dizem que um dia irão participar, mas nunca aparecem. “A idéia é muito complicada”, alguns desabafam. Porém, como dito, os organizadores não desistem.

Os assíduos freqüentadores conversam entre si (e com os curiosos) sobre diversos assuntos: do futebol de domingo até o desempenho dos filhos na escola. Algumas trocas são feitas: um controle remoto de TV por um ferro de passar roupa; um teclado de computador por serviço de DJ pela noite inteira.

Certo tempo depois, entra no pátio da escola um antigo professor, o Seu Nivaldo, conhecido de todos, que estava prestes a se aposentar. Ele tinha vindo para resolver um assunto particular com outro professor, mas acabou sendo “convidado” a participar da feira também. Foi explicado tudo a ele sobre como funciona uma Feira de Trocas: que se pode trocar o que quiser pelo que quiser, desde objetos até serviços e saberes; que a base da negociação são os envolvidos, sem usar dinheiro oficial; que o importante é a questão do consumo crítico e consciente; que a feira significa a geração indireta de renda. Para que Seu Nivaldo compreendesse, chegou-se até mesmo a se ensaiar uma crítica sobre como as mercadorias são produzidas e distribuídas.

“*Mas não tem como alguém passar a perna no outro?*”, perguntou o professor, impressionado. Um morador respondeu que ninguém é obrigado a trocar por sentir pena. “*O importante é trocar se for valer à pena*” disse. “*Então eu vou trazer tudo que tenho e não preciso e deixar aqui na próxima feira!*”, exclamou já pensando no espaço que ganharia em casa. Um professor argumentou que Feiras de Trocas não servem de depósito nem de postos de coleta para doação. “*Doação a gente faz na igreja; aqui nós ensinamos uma nova maneira de lidar com as pessoas e as coisas*” – disse efusivamente.

Foi nesse instante que entrou na feira um mendigo. Parecendo estar de ressaca, o maltrapilho perguntou se havia uma festa ali e se podia ficar com um pedaço do bolo. Certas pessoas viraram a cara; outras fingiram não vê-lo, inclusive seu Nivaldo. Porém, aquele mesmo professor, que falara há pouco, explicou a ele novamente tudo sobre a feira, havendo do mendigo a básica descrença e estranhamento.

- *Então posso trocar qualquer coisa que tiver?*
- *Desde que esteja em bom estado, sim!*

Então o mendigo, que parecia ter uns 50 e poucos anos, tirou dos bolsos duas pequenas rodas com suporte. “Vi um cara jogando fora uma mala rasgada e pensei que as rodinhas valessem algum dinheiro”, disse. O professor então perguntou se tinha alguma coisa lá que o interessava, mas foi interrompido pelo seu Nivaldo.

- *Há tempos eu procuro rodas como essas pra minha mala!*
- *E o que tu tens pra trocar? - perguntou o mendigo.*
- *Bem... É... Posso te dar aulas de português, que tal?*
- *Veja bem... Nunca me interessei pela escola; não vai ser agora que eu vou estudar!*
- *Puxa, e agora? Eu precisava tanto dessas rodinhas! – desabafou seu Nivaldo.*

Outro professor sugeriu, então, que fosse feita uma troca triangular. O maltrapilho veria se havia algo de interessante na feira. O dono dessa coisa trocaria com o mendigo, que a seguir negociaria com o seu Nivaldo.

“E esse bolo aqui? Tá trocando?”, apontou o mendigo para um belo bolo formigueiro. A doceira, que era estudante da EJA, então, se apresentou. Seu nome era Neusa. Disse ter feito o bolo era para trocar com uma colega, mas que não até agora não tinha chegado. Assim, aceitou de bom grado a troca.

Dirigindo-se ao professor Nivaldo, disse:

- *Seu Nivaldo, que tal eu trocar estas rodas contigo por aulas de reforço de português? Vai ter prova semana que vem e tem muita coisa que eu não entendi. Pode ser?*
- *Claro, Neusa, com o maior prazer!*
- *E, vem cá – agora se dirigindo ao mendigo, que já saía do pátio – qual é o seu nome?*

– Meu nome é Antônio.

– Antônio, por que você está indo embora? Fica mais um pouco com a gente! A feira mal começou!

E assim a feira continuou e cresceu cada vez mais. Nivaldo, Antônio e Neusa não perderam nenhuma outra feira e, ao lidar com tantos professores e estudantes, aquele homem mudou de opinião quanto à educação e ensaiou voltar pra escola. E aquela experiência serviu para ensinar que todo mundo tem algo para oferecer, seja um mendigo, estudante ou professor.

Autor: Diego Sodré



O que é uma Feira de Trocas?

É um espaço onde as pessoas trocam, entre si:

- produtos
- serviços
- saberes
- lazer e cultura



As trocas são feitas forma solidária, promovendo a autoajuda num sistema alternativo que respeita as normas éticas e ecológicas, contribuindo para:

- desenvolvimento da auto-estima;
- geração de trabalho e renda (direta ou indireta);
- melhoria da qualidade de vida;
- fortalecimento de outros mercados no interior do mercado capitalista;
- descoberta de que é possível criar um novo sentido para o trabalho e para a vida em sociedade

O que as pessoas podem trocar?

Produtos

Alimentos, artesanatos, produtos de limpeza, roupas novas e usadas, móveis e utensílios domésticos e uma infinidade de coisas que cada um de nós possamos produzir e/ou obter!

Serviços

De pedreiro, carpinteiro, serralheiro, pintor, manicure, cabelereiro, eletricista, contador, mecânico, costureiro, alfaiate, marceneiro, digitador, acompanhantes de crianças e idosos e uma infinidade de serviços que cada um de nós possa oferecer!

Saberes

. Aulas de dança, violão, artesanato, costura, reforço escolar, confecção de ovos de páscoa, culinária em geral e uma infinidade de saberes que cada um de nós somos capazes de ensinar e aprender!

Lazer e Cultura

Música ao vivo, animação de festas, quadros de arte, excursão, promoção de eventos e uma infinidade de coisas que podemos criar!

O que você sabe ou quer aprender a fazer?

O que tem de educativo na Rede de Trocas?

Para começar, é importante...

Descobrir como vivem / de que vivem as pessoas.

Promover o processo de descoberta do que cada um sabe fazer / pode aprender a fazer.

Divulgar a proposta de formação de uma Rede (na escola, no bairro, entre amigos...).

Participar das primeiras reuniões em que as pessoas vão: a) explicitar que produtos, serviços, saberes, lazer e cultura querem trocar (grupo de estudo); b) discutir quais as “regras do jogo”.

Estabelecendo as regras do jogo

Uma aula de dança é igual a uma empadinha? Quais critérios vamos usar para estabelecer as trocas? (pela lógica do mercado excludente?)

E se a bailarina não precisar de empadinhas? O que fazer se não for possível estabelecer a troca?

Para que serve o bônus ou a moeda social? Onde ele pode ser usado?

Resgatando a humanidade nas relações sociais

A adesão é livre, não implicando vínculo de dependência.

É importante participar das reuniões e capacitar-se para ser um “prosumidor” (produtor + consumidor)

Preferencialmente, as trocas são feitas diretamente do produtor para o consumidor (valorização do trabalho / trabalhador).

As trocas deverão responder às normas éticas e ecológicas. Cada um é res-



ponsável pela seriedade de seu trabalho.

A competição, o lucro e a especulação deverão ser substituídos pelo intercâmbio justo e pela solidariedade.

Trabalho e educação

As Feiras de Troca ganham maior sentido se os trabalhadores em educação compreendem seu caráter educativo e o articulam com o projeto político-pedagógico da escola.

Além de educativas, as Feiras de Trocas contribuem para estimular e fortalecer as redes associativas:

- a) entre as pessoas da escola;
- b) entre a escola e outros grupos associativos;
- c) entre a escola e a sociedade em geral.

A Feira de Trocas contribui para amenizar, mas não resolve o problema do desemprego e pobreza.

A Rede de Trocas é apenas uma instância educativa em que as pessoas podem descobrir que é possível encontrar outras formas de produzir e de trabalhar, a partir de novos parâmetros de convivência humana.



Rede de Trocas: Geração de trabalho e de uma nova cultura econômica

O atual modelo de desenvolvimento econômico, calcado no produtivismo exacerbado e no desrespeito à natureza tenta nos fazer crer que quanto mais acumulamos, maior a nossa felicidade. Na chamada “sociedade do consumo”, ao mesmo tempo em que aumentam o desemprego e a pobreza, postula-se que a liberdade é a “liberdade de mercado”: liberdade para produzir, consumir... liberdade para vender ou não vender nossa força de trabalho.

Além do “direito ao emprego”, os seres humanos precisam assegurar o “direito ao trabalho não alienado”, resgatando e fortalecendo as relações econômico-sociais fundadas nos valores de comensalidade, reciprocidade e cooperação solidária - tanto no âmbito da produção como da distribuição de produtos, serviços e saberes. Estimular o trabalho associativo e fortalecer outros mercados que, contrapondo-se à lógica do mercado capitalista, possam garantir a reprodução ampliada da vida (e não do capital), além de “direito”, é um de nossos desafios.

O objetivo desta oficina é vivenciar/criar a dinâmica interna de um Grupo/ Rede de Trocas, o qual contribui para a descoberta das habilidades e potencialidades de cada um de nós nos processos associativos de geração de trabalho e renda, para o desenvolvimento da autoestima e da melhoria da qualidade de vida, e também para o fortalecimento de mercados alternativos no interior do mercado global.

Mas o que a educação tem a ver com isto? Frente à crise do emprego e o aumento da pobreza, como os educadores podem contribuir para a criação de alternativas de trabalho e, ao mesmo tempo, favorecer a constituição de uma nova cultura do trabalho e uma nova cultura econômica? É possível criar um Grupo de Trocas numa escola ou numa associação de moradores? Como? Afinal, o que tem de educativo numa Rede de Trocas?

Em síntese, na oficina serão discutidas as seguintes questões: a) O que precisamos saber/viver para que possamos criar mais um “nó” na Rede de Trocas? (estudo dos fundamentos das relações econômicas); b) Como “prossumidores” (produtores + consumidores), que produtos, serviços e saberes as pessoas desejam oferecer, adquirir e aprender? ; c) Como vamos estabelecer as trocas diretas e aquelas que serão mediadas por uma “moeda social”, criada pelo grupo? ; d) Quais os critérios utilizados nas trocas diretas e na definição do valor da moeda? (confronto com a lógica capitalista); e) Quais os objetivos, os aspectos educativos e os passos para organização de Grupos/Rede de trocas); f) Como podemos nos articular com a Feira de Trocas promovida pela Incubadora de Empreendimentos Solidários – IEE/UFF?

Número de participantes: 25

Carga horária: 12 horas





Tarsila do Amaral. A família

O mundo dentro e fora da escola



MODELARTE

MODELARTE é uma organização econômica associativa que é facilmente encontrada no “Farejador da Economia Solidária” (ver www.fbes.org.br/farejador/). localiza-se no bairro Boa Vista, município de São Gonçalo, RJ.

O grupo realiza atividades de costura e reutilização de materiais como jornais e garrafas pet. Tem a sua origem em cursos de corte costura e bordado oferecidos em um CIEP, no ano de 2004, por incentivo da diretora da escola que propôs a formação do grupo, contando com o patrocínio da Petrobras por intermédio da Guardiões do Mar (organização não governamental). O patrocínio acabou em 2008, porém, permanece com essa empresa, que compra pufes regularmente.

Relações de confiança foram criadas antes do grupo se formar, principalmente pelo fato de algumas delas pertencerem à mesma família. As atividades foram iniciadas com 22 fundadores e atualmente possui 11 ativos e 09 afastados por motivos diversos, entre eles questões de saúde e outros problemas familiares.

A escola pública situada na comunidade onde se localiza o empreendimento econômico solidário não se relaciona com a cooperativa. Na verdade, no período de Feira de Ciências os estudantes solicitam empréstimos de materiais reutilizados para fins de exibição. Para os participantes do grupo, a escola poderia contribuir para a formação de trabalhadores/as associados oferecendo cursos e capacitando pessoas para o trabalho, o que, segundo eles/as faria “toda a diferença”. Ressaltam, por exemplo, a necessidade de conhecimentos de matemática para administrar a cooperativa; isso tudo sem falar que a atividade de costura requer o cálculo da quantidade de tecido, geometria, etc.

A MODELARTE é conhecida pela comunidade local e eventualmente recebe ajuda de algum voluntário para realizar alguma entrega de produtos

X MOSTRA DE TALENTOS EJA/SG Pólo COMEC

A Feira de trocas é um espaço para prática de relações pessoais e comunitárias onde, em um ambiente acolhedor e solidário, as pessoas podem se conhecer e trocar objetos e saberes.

Muito mais do que um lugar para adquirir algo novo sem gastar dinheiro é a possibilidade de contribuir para o desenvolvimento da economia solidária, com base na valorização do ser humano e na qualidade de vida.

O QUE TRAZER PARA TROCAR?

Descubra dentro de casa objetos em bom estado, mas que você não usa mais (roupas, bolsas, livros, Cds e DVDs originais, brinquedos, objetos de decoração, etc...) Traga também seus saberes e suas técnicas, sua produção ou excesso (artesanato, alimentos, poesias, aulas, serviços, etc.)

LOCAL: E. M. Estephania de Carvalho

Rua Bispo Dom João da Mata, 466 – Laranjal

Data: 24/10/11

Horário: 19 às 21 h.

Organização: Prof^a Rosely (E.M. Nicanor Ferreira Nunes)

Você vai passar na prova do troca-troca?

Feira de trocas

Seguindo o espírito da chamada “sociedade do consumo”, acumulamos muitas coisas que não usamos, ou usamos muito pouco. Além disso, não temos um espaço para mostrar o que fazemos ou produzimos. Se você quer começar a repensar essa situação, traga para a “feira de trocas” tudo que você acha que alguém vai precisar.

A feira de trocas é o espaço onde as pessoas trocam produtos, serviços e saberes de uma forma solidária, num sistema alternativo que contribui para melhorar a qualidade de vida de todas as pessoas, objetivando o fortalecimento de uma nova cultura do trabalho.

Lembre-se de que no nosso mercado, vale mais o valor de uso. Participe!

Só não vale usar o valor do dinheiro, nem o poder do “dim dim”, muito menos querer levar vantagem em tudo!

DIA: 17/12/2011, às 09 horas

Campus do Gragoatá, Bloco – D

OBS: Traga seus saberes, produtos e serviços e divulgue anteriormente nos classificados do troca-troca na portaria do Bloco D.

Este evento será organizado pelos alunos da Atividade Rede de Trocas (FEUFF) e pela Incubadora de Empreendimentos de Economia Solidária.



MS: Trabalhadores se preparam para Feira de Agricultura Familiar e Economia Solidária

O Projeto Gestão em Rede e o Movimento de Economia Solidária em Mato Grosso do Sul realizam, nos dias 16,17 e 18 de novembro, na Central de Economia Solidária, em Campo Grande, o Curso de Formação para Participação em Feiras e Eventos.

O curso é voltado para trabalhadores e trabalhadoras rurais da agricultura familiar e do extrativismo, além de artesãos que participam da II Feira Estadual de Agricultura Familiar e Economia Solidária de Mato Grosso do Sul, realizada de 15 a 18 de dezembro, também na capital.

Entre os palestrantes do curso, estão Paulo Moraes e Luis Carrazza, da Cooperativa Central do Cerrado, localizada em Brasília, além de Alex Fernandes Reis, que é agente da Cáritas Arquidiocesana de Brasília e membro do Fórum de Economia Solidária do Distrito Federal.

No primeiro dia do evento, Paulo lembrou que as feiras são eventos ricos em oportunidades de negócios. “Sejam elas de quaisquer tipos, trazem a possibilidade de mostrar e vender os produtos do trabalhador para um grande número de pessoas, em um curto período de tempo”, afirmou.

Para Alex, a capacitação é uma oportunidade para trocar experiências sobre comercialização. “Com esse encontro, podemos construir coletivamente propostas de soluções para a comercialização dos empreendimentos dos agricultores familiares e extrativistas do estado”, explicou.

Durante o curso, os trabalhadores aprendem sobre como se organizar antes, durante e depois das feiras, como abordar e atender os clientes e quais os materiais necessários para a montagem dos estandes e para a apresentação dos produtos.

“Acreditamos que, com a capacitação, grande parte dos empreendimentos possa melhorar sua participação nas feiras, com mais planejamento e mais informações sobre técnicas e estratégias que podem ser adotadas para melhorar os resultados da comercialização”, analisou Luis Carrazza.

A participante Driele Trelha tem 22 anos e mora no assentamento Santa Lúcia, no município de Bonito, distante 290 quilômetros de Campo Grande. A jovem faz parte do grupo de trabalhadores do empreendimento Pé da Serra, que produzem doces e compotas com frutos do Cerrado, além de rapaduras, melado e açúcar mascavo. “Aprendemos muito com o curso. É a primeira vez que vou expor em uma feira e agora me sinto muito mais preparada para participar do evento e fazer um bom trabalho com o meu grupo na divulgação e na venda dos nossos produtos”, relatou.

Sebastiana Almire, que faz parte da coordenação do Movimento de Economia Solidária no estado, afirmou que a capacitação trará benefícios para a Feira que será realizada em dezembro. “Essa é uma oportunidade de aprendizado coletivo. Com a capacitação, os trabalhadores e empreendimentos poderão levar mais qualidade para o evento”, avaliou a coordenadora.



Projeto Gestão em Rede

O projeto Gestão em Rede tem como objetivo consolidar iniciativas de produção sustentável no Cerrado por ações integradas entre Agricultores Familiares Extrativistas e Economia Solidária. Atualmente, centenas de trabalhadores (as) atuam em cadeias produtivas que utilizam de forma sustentável a biodiversidade do bioma Cerrado. O projeto é realizado pelo Centro de Produção e Pesquisa do Cerrado (Ceppec), A Casa Verde, Socioambiental Consultoria e conta com o apoio do Instituto Marista de Solidariedade e do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA).

Com informações e imagens de Tatiane Queiroz



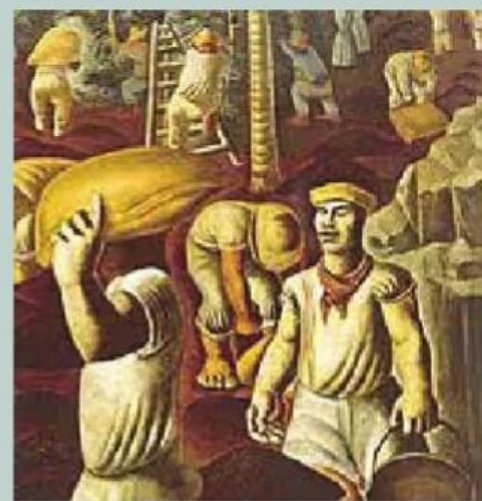
O que é o que é...

O que é o que é...

COOPERAÇÃO

É a ação conjunta de dois ou mais indivíduos que se dá de forma espontânea ou planejada. O conceito evoca duas acepções: na primeira, é entendido como solidariedade, colaboração e ajuda mútua; está associado à idéia de ajuda ao próximo, de cooperar para o bem estar de alguém, para o bem comum ou bem público. Numa segunda acepção, é entendido como processo social em que pessoas, grupos, instituições e/ou países atuam de forma mútua para atingir objetivos determinados. Para garantir a sobrevivência, os seres humanos trabalham em cooperação, como ato intencional e com objetivos comuns, assim, a Cooperação é condição sine qua non para qualquer modo de produção da vida social. Está presente na organização social, econômica, política, educacional e cultural de toda e qualquer sociedade humana, independente do espaço e tempo histórico. A peculiaridade da Cooperação é dada pelas relações de produção estabelecidas, definidoras da forma como os grupos e classes sociais se relacionam no processo de produção material e não-material da realidade humano-social.

De acordo com os pressupostos do materialismo histórico, a Cooperação é uma categoria história e, portanto, não pode ser concebida de forma abstrata, desvinculada do contexto social e, tampouco, como uma característica “natural” de cada ser humano. Em *O Capital*, Marx dedica o capítulo 11 do livro primeiro ao estudo da Cooperação. Para ele, é uma “forma de trabalho em que muitos trabalham juntos, de acordo com um plano, no



Portinari

mesmo processo de produção ou em processos de produção diferente, mas conexos”. (MARX, 1980: 374), encontrada desde o início da civilização humana até os nossos dias. No capitalismo, a Cooperação está assentada na propriedade privada dos meios de produção e pressupõe a venda de força de trabalho, a qual só pode ser sistematicamente explorada face à disponibilidade de trabalhadores assalariados e por meio de métodos e técnicas que assegurem a subsunção do trabalho ao capital. A necessidade do trabalho coletivo, em Cooperação, exige do capitalista a constituição de mecanismos de controle do trabalho e de processos educativos com vistas a disciplinar os trabalhadores para os interesses do capital. Na Cooperação capitalista, “o capitalista não é capitalista por ser dirigente industrial, mas ele tem o comando industrial porque é capitalista” (Ibid, 381). Ao longo da existência do capitalismo, observa-se o desenvolvimento de tecnologias de produção e de gestão da força de trabalho que incidem sobre a organização do processo de trabalho, que reivindicam formas cada vez mais complexas de Cooperação e, por conseguinte, de divisão social do trabalho. Desde as últimas décadas do século XX, o sistema capital implanta um amplo processo de reestruturação produtiva com vistas à recuperação do seu ciclo de reprodução, desencadeando a substituição crescente do padrão produtivo taylorista-fordista pelas “formas produtivas flexibilizadas e desregulamentadas das quais a chamada acumulação flexível e o modelo japonês toyotismo são exemplos” (Antunes, 2002:37). Isso permite um rápido deslocamento e instalação de investimentos produtivos de uma parte para outra do mundo, processo que vem sendo denominado “desterritorialização do capital”. Ocorre uma ampliação do “trabalho socialmente combinado” (Marx, 1978) onde os trabalhadores de diferentes partes do mundo, participam do processo de pro-

Ao longo da existência do capitalismo, observa-se o desenvolvimento de tecnologias de produção e de gestão da força de trabalho que incidem sobre a organização do processo de trabalho, que reivindicam formas cada vez mais complexas de Cooperação e, por conseguinte, de divisão social do trabalho.

dução e de serviços. Não obstante às múltiplas determinações do novo regime de acumulação, a Cooperação continua sendo ponto de partida da produção capitalista, uma vez que possibilita a criação da força coletiva de trabalho que é mais do que a soma das partes que as constituem. Na perspectiva marxista, a “cooperação capitalista não se manifesta como forma histórica especial de cooperação, mas a cooperação é que se manifesta como forma histórica peculiar do processo de produção capitalista, como forma histórica que o distingue especificamente” (Marx, 1980:384).

A Cooperação é um dos elementos de produção e reprodução dos laços sociais, presente nas diversas formas de sociedade. Ganha diferentes configurações de acordo com as relações que os grupos e classes sociais estabelecem entre si no processo de produção material, podendo ser voluntária e, mesmo forçada pelas circunstâncias sociais. A motivação para cooperar ganha maior ou menor de importância de acordo com a cultura de um povo e a ideologia que dá sustentação à estrutura econômico-social. A disseminação de valores morais, como ajudar o próximo, repartir o pão, se solidarizar com a causa dos pobres etc. que compunham a ética paternalista cristã e justificavam o enriquecimento de uma classe em detrimento de outra na Idade Média, ganha novas versões em diferentes momentos históricos. Ao analisar a “economia da dádiva” de Marcel Mauss, Godelier (2001:25) enfatiza que no final do século XX, “a bandeira da caridade, outrora carregada pelas instituições das diversas igrejas cristãs, católicas e protestantes, foi retomada no Ocidente, pelas organizações governamentais e, às vezes até mesmo pelos estados”. No contexto neoliberal, a Cooperação caracteriza-se pelo pacto entre Estado, sociedade civil e mercado para tratar das questões sociais; o trabalho voluntário, de caráter

A Cooperação é um dos elementos de produção e reprodução dos laços sociais, presente nas diversas formas de sociedade. Ganha diferentes configurações de acordo com as relações que os grupos e classes sociais estabelecem entre si no processo de produção material.

caritativo e assistencialista, é estimulado pelas organizações do terceiro setor. Este tipo de Cooperação também se dá por meio dos programas de “cooperação internacional”, quer dizer, de ajuda dos países centrais do capitalismo (considerados “desenvolvidos”) aos países “em vias de desenvolvimento”. A título de exemplo, os 21 países “ricos” que compõem a Organização para Cooperação e Desenvolvimento – OCDE acordaram que 0,7% do produto interno bruto nacional seriam destinados aos países “pobres”. Visando a emancipação humana, os movimentos sociais caracterizam-se por outras formas de Cooperação entre os trabalhadores e a população em geral. Tomando como exemplos o cooperativismo e outras formas de associativismo, considera-se que um dos desafios é a constituição de um estilo de Cooperação em que a coordenação do esforço coletivo permita, como diria Gramsci (1982), que todos os trabalhadores possam se tornar governantes, controlando aqueles que, transitoriamente, os dirigem. Em outras palavras, ao contrário da lógica capitalista, a Cooperação tem como horizonte a autogestão do trabalho e da vida em sociedade.

Como ser social, o ser humano se constrói nas relações mediatizadas pela realidade concreta em que estão inseridos. A educação é uma prática social que, ao mesmo tempo, é constituída e constituinte das relações sociais. O conceito de Cooperação é tratado por vários teóricos da educação na reflexão sobre os processos de desenvolvimento e aprendizagem humana. Segundo Piaget, a cooperação se opõe à coação e não é um processo simples de troca entre indivíduos; ela é

A educação é uma prática social que, ao mesmo tempo, é constituída e constituinte das relações sociais



Gramsci

“toda relação social na qual não intervêm qualquer elemento de autoridade ou prestígio social” (Piaget apud Maurice-Naville e Montangero, 1998, p.120). Para o mesmo autor, o “equilíbrio móvel” entre os sujeitos é condição para que haja Cooperação. “Cooperar na ação é operar em comum, isto é, ajustar, por meios de novas operações (qualitativas ou métricas) de correspondência, reciprocidade ou complementaridade, as ações executadas por cada um dos parceiros” (Piaget, 1973, p.105). Para Vygotsky (1987), a aprendizagem ocorre através da interação entre as pessoas, num contexto histórico-social específico. Defende que a formação das características humanas se dá pela interseção entre o homem e o seu meio sócio-cultural, pois, ao transformar o meio para atender às suas necessidades, transforma a si mesmo como ser humano. O autor utiliza o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal para se referir à distância que existe entre o “nível de desenvolvimento real”, determinado pela capacidade de uma pessoa resolver um problema sem ajuda de alguém e o “nível de desenvolvimento potencial”, determinado através de resolução de um problema com a colaboração com outro companheiro. Na educação de trabalhadores, a Cooperação ganha importância não apenas como conceito genérico e abstrato, mas como uma prática social que se verifica nos processos de trabalho, nos processos de aprendizagem e em outras instâncias sociais.

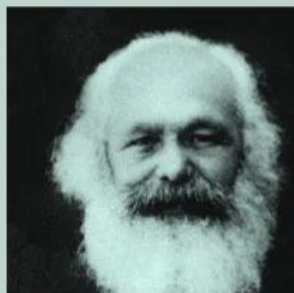
Autoras: Lia Tiriba e Edenise Anta



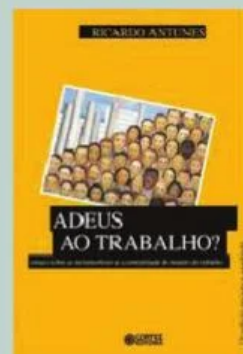
Vygotski



Maurice Godelier



Karl Marx



Bibliografia:

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

GODELIER, Maurice. **O enigma do dom.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

MARX, K. **O capital.** Crítica da economia política. Livro Primeiro e Terceiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980

_____. **Para a crítica da economia política. Os Pensadores.** São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MAURICE-NAVILLE, J; MONTANGERO, D. **Piaget ou a inteligência em evolução: construtivismo em sala de aula.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1998.

PIAGET, J. **Estudos Sociológicos.** Rio de Janeiro: Forense, 1973.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente.** SP, Martins Fontes, 1987.

Autora: Lia Tiriba

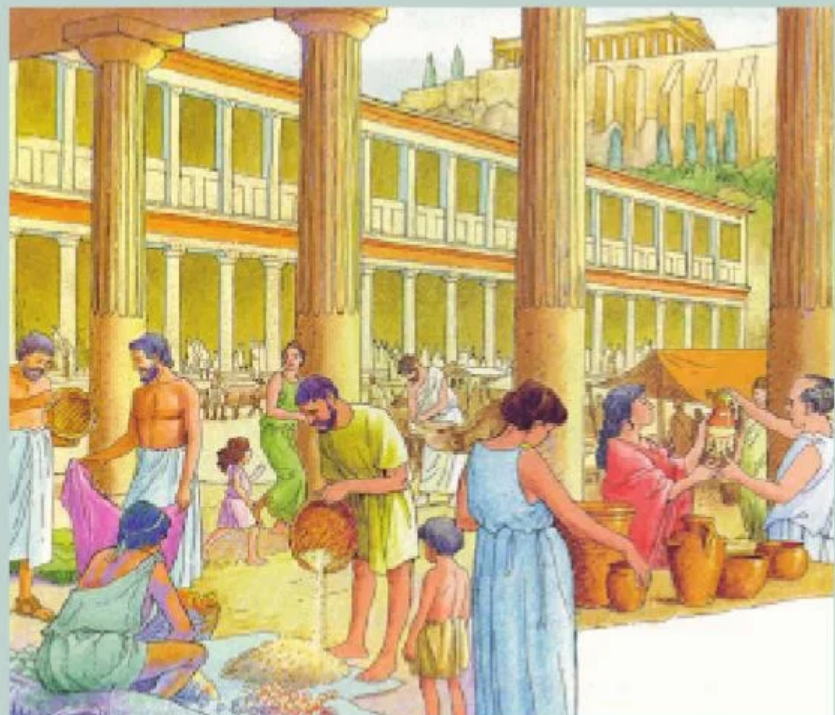
MERCADO SOLIDÁRIO

Originalmente, mercado é o lugar onde se comercializam, em pequenas quantidades e a preços estabelecidos, os artigos de primeira necessidade. Fundamentalmente, os mercados de vizinhança são tão antigos quanto a própria humanidade. É bom recordar que a *ágora*, lugar público central nas cidades gregas onde nasce a ideia de democracia e auto-governo. Era a praça onde tanto se fazia o comércio quanto se realizavam as assembleias do povo.

Entretanto, com o surgimento de uma grande burguesia e a expansão do comércio exterior, o qual progressivamente penetra nos mercados locais, impulsionada pela ação do Estado mercantilista e pela expansão colonialista a partir do século XVI, o mercado transformou-se no mecanismo da “mão invisível”, que automaticamente coordena e regula a ordem social. (...) As linhas de poder colonialistas, perfazendo uma geográfica divisão econômica entre centro e periferia, alimentaram e alimentam a formação dos grandes grupos econômicos, desvelando que os preços são frutos do uso da força e a antiguidade da troca desigual.

(...) Essa noção abstrata de mercado, enquanto um mecanismo auto-regulado através de preços gerados pelo jogo da oferta e da demanda, não corresponde à realidade da economia moderna. (...) grande parte dos preços [é] fixada administrativa e politicamente

É bom recordar que a *ágora*, lugar público central nas cidades gregas onde nasce a ideia de democracia e auto-governo. Era a praça onde tanto se fazia o comércio quanto se realizavam as assembleias do povo.

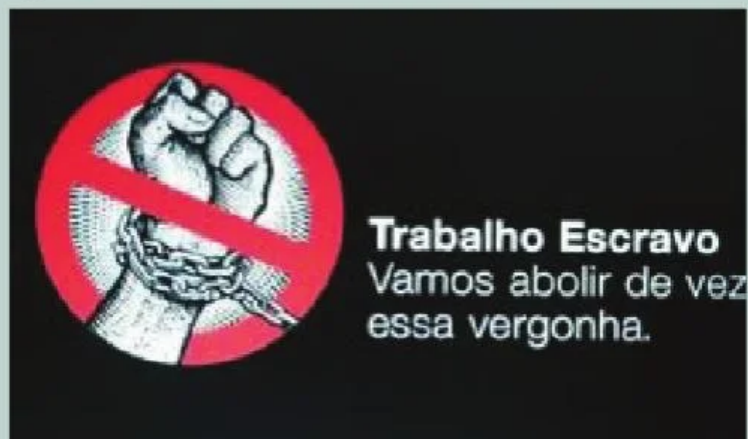


a partir de negociações nem sempre transparentes. Os preços são resultados de correlações de forças e de crenças compartilhadas, sendo muito raramente estabelecidas de forma objetiva por alguma mão invisível que se guia apenas pelo cálculo do máximo interesse.

Mercado não é uma abstração que age mecanicamente e deterministicamente, pois a história não se conforma às leis da economia pura, mas também é moldada pelas forças anti-sistêmicas, pelos contra-movimentos da sociedade (...): vide o caso da proibição do amianto; das disputas em torno do tabagismo; das leis de controle dos cartéis; das leis de proteção à economia local; a luta em torno da internalização dos custos ambientais; o debate em torno das cláusulas sociais do comércio, e o consenso contra a escravidão e a não-exploração de crianças no trabalho, contra o comércio de decisões judiciais ou armas nucleares. Existem transações bloqueadas: nem toda forma de competir é válida.

Entretanto, modernamente, a ideia de mercado enquanto mecanismo de alocação de recursos através da oferta-demanda, regulado por preços flutuantes, se confunde com a utopia do mercado proclamada pelo liberalismo. Esta aspira a uma sociedade de mercado auto-regulada sem mediações políticas, cujo arquétipo está na afirmação de Margaret Thatcher: “não existe esta coisa chamada sociedade”, existem apenas os indivíduos e seus interesses.

(...) muitos são os que alertam – como a Escola de Cambridge (Keynes, 1883-1946, A. Sem; E. Fonseca) ou mesmo capitalistas como G. Soros – que uma sociedade desprovida de considerações éticas e regida apenas pelo puro utilitarismo, onde os re-



Modernamente, a ideia de mercado enquanto mecanismo de alocação de recursos através da oferta-demanda, regulado por preços flutuantes, se confunde com a utopia do mercado proclamada pelo liberalismo

lacionamentos fossem apenas transações, instalar-se-ia um clima de vale-tudo que conduziria à extinção da sociedade e, obviamente, à eliminação dos próprios negócios.

(...) Para Polanyi (1886-1964), a civilização moderna é a primeira sociedade onde a economia, através do sistema de mercado, se encontra diferenciada e tendo prioridade em relação aos demais sub-sistemas sociais e à própria sociedade. (...) A peculiaridade da nossa civilização é ela se entrelaçar de forma quase insolúvel com a economia capitalista ao erigir o anseio de acumular riqueza como finalidade máxima, liberada de restrições. (...) Acumula-se capital simplesmente para que se possa acumular mais capital .

(...) esta ação voraz e maximizadora do capital se realiza pela capacidade que este tem de multiplicar o valor de troca através do comércio de mercadorias. Ou seja, se realiza no mercado (como na célebre fórmula de Marx: D-M-D'), gerando a grave confusão e imprecisão de se falar indistintamente de “economia capitalista e “economia de mercado” como se fossem sinônimos. O capitalismo é a primeira manifestação da sociedade de mercado, nascendo com o advento da mesma. Apesar do capitalismo ser impelido pela mercantilização da vida *quotidiana* , capitalismo e mercado não são sinônimos. Não custa repetir o óbvio: o espaço do mercado, das trocas, sendo tão antigo quanto à própria humanidade, é anterior ao capitalismo e provavelmente deverá superá-lo (...).



Não custa repetir o óbvio: o espaço do mercado, das trocas, sendo tão antigo quanto à própria humanidade, é anterior ao capitalismo e provavelmente deverá superá-lo.

Historicamente, o mercado teve um papel civilizador. Braudel (1996) o reconhece ao afirmar que sem mercado “não haveria economia [...] mas apenas uma vida ‘encerrada’ [...]. O mercado é uma libertação, uma abertura, o acesso a outro mundo”. Ainda hoje o “mercado público” designa um espaço central de socialização em nossas cidades, o lugar que dá cores, cheiro, identidade, alma às mesmas.

O mercado é um dos *locus* estruturantes da sociedade moderna, é o espaço das mercadorias, o lugar da distribuição e do consumo. A “superção da sociedade de mercado não significa, de forma alguma, a ausência de mercados”, afirma Polanyi, o que nos leva a diferenciar “sociedade de mercado” de “sociedade com mercado” (...).

Porém, aceitar a dinâmica da competição em busca de benefícios é reconhecer a necessidade de submeter-se a certa arbitragem por parte dos consumidores, e admitir algum grau de indeterminação e imprevisibilidade na economia. (...) Hoje distinguimos a força crescente do *consumo solidário*, onde os consumidores, ao selecionarem produtos, engendram uma economia justa e sustentável. Evidentemente, a tal da “soberania do consumidor” é muito relativa, não passando em geral de pura mistificação ideológica, pois os jogos de *feedback* aqui são muito fortes: a produção capitalista também induz seu próprio consumo, forjando e condicionando os desejos (...).

A economia solidária que temos se realiza no mercado. Ainda que busquemos articular redes, é competindo no mercado que nos encontramos. Entende Singer (2002) que a competição com os empreendimentos capitalistas desafia as unidades econômicas solidárias a superá-los, estimulando-as a se atualizarem tecnologicamente, a melhorar a



qualidade e a se constituírem enquanto um modo de produção de fato superior.

A economia solidária aponta um caminho para construir uma economia reintegrada na sociedade e na biosfera, voltada para a provisão da vida das pessoas, possibilitando superar o corrosivo economicismo da vida moderna.

Entretanto, há uma implicação profunda quando a economia solidária se afirma ao interior do espaço do mercado: nesse caso, [a] dinâmica de fetichização perpassa inclusive a própria economia solidária. (...) É bom observar que os produtos da economia solidária, mesmo sendo produzidos solidariamente, necessariamente precisam de cuidados estéticos quanto à aparência e embalagens, além de procurar ostentar selos sociais, ecológicos e de qualidade (...).

Mercado é poder (...). Os espaços de mercado que a Economia Solidária conquista permitem o *empoderamento* daqueles historicamente excluídos, revertendo o processo vicioso pelo qual os pobres, por não terem poder, são pobres. Em países como o Brasil, onde é imensa a exclusão, o acesso aos mercados representa um ato de democracia e até de rebeldia.

(...) a emergência da economia solidária nos espaços mercantis não apenas significa a presença no mercado de outras orientações econômicas, além das que apenas buscam a máxima valoração, mas representa também um profundo remanejamento das relações de força vigentes num mercado atualmente hegemônico pela lógica capitalista, construindo a possibilidade de uma maior democratização da economia e, portanto, da sociedade.

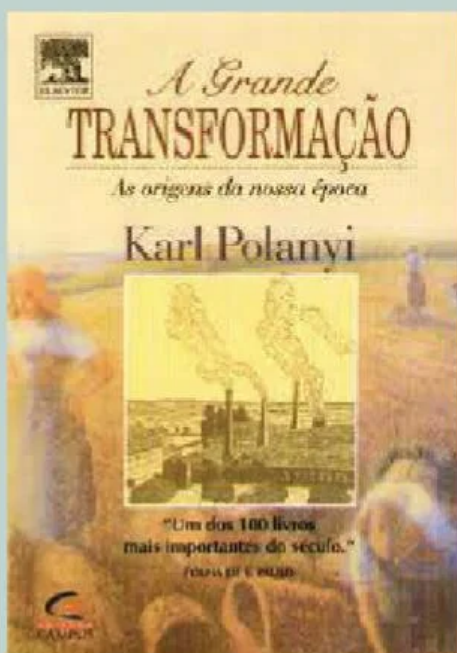
Os espaços de mercado que a Economia Solidária conquista permitem o empoderamento daqueles historicamente excluídos,



(...) Assim, ao não rejeitar *in totum* o mundo moderno, mas buscar ser uma alternativa de vida ao interior do mesmo, a Economia Solidária não tece redes fechadas, pois quer superar a sociedade de mercado através do próprio mercado. Desse modo, a concorrência se encontra no próprio seio da Economia Solidária, em situações em que existindo produtos similares dentro das redes, se fizer necessário uma escolha entre os mesmos. Demonstram Assmann e Sung (2000) que a lógica mercantil de premiar os melhores pode propiciar a melhoria dos produtos e serviços da própria Economia Solidária.

(...) a Economia Solidária é a afirmação da possibilidade de uma economia jogada com regras em que todos ganhem através de uma simbiose entre cooperação/competição.

Autor: Armando de Melo Lisboa



Bibliografia

ASSMAN, Hugo; MO SUNG, Jung. **Competência e sensibilidade solidária: educar para a esperança.** Petrópolis: Vozes, 2000

BRAUDEL, f. **Civilização material, economia e capitalismo.** São Paulo: Martins Fontes, 1996, v. 2.

FONSECA, Eduardo. **Vícios Privados, benefícios públicos?** São Paulo: Companhia das Letras, 1993

LISBOA, Armando de Melo. **Mercado solidário.** In CATTANI, A. D.(org) . **A outra economia.** Porto Alegre: Veraz, 2033, p. 183-192

POLANYI, Karl. **A grande transformação.** Rio de Janeiro: Campus, 1980.
SINGER, Paul. **Introdução á economia solidária.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002

Agradecimento aos Professores das Redes Municipais de Educação de Niterói e São Gonçalo que participaram na construção do material pedagógico

Adriana Martins dos Santos
 Alba Maria Souza do Nascimento
 Aluisio Tacildo Costa Filho
 Amanda Moreira Borde
 Ana Cláudia de Andrade Almeida
 Ana Cristina Costa Magalhães
 Andréa de Souza Fontes
 Ângela Maria Azevedo Rangel
 Angélica Quintanilha J. D. Lemos
 Anna Carolina Perez C. Martins
 Augusto Beug Netto
 Ayses Barreto Barbosa
 Bianca da Silva Duarte
 Carlos Fernando Vizeu Pontes
 Claudia da Silva Malta
 Claudia Helena Cezario Ferreira
 Claudia Paixão Conceição Rosa
 Cledir Ribeiro da Silva
 Cristine de Souza Coutinho dos Santos
 Danielle Velasco Estevam
 Dione Barbara da Silva
 Dulcineia Manhaes
 Edilene Corrêa Rocha
 Edson da Silva Gomes
 Elizabeth Moraes Vianna
 Fatima Moreira Magalhães
 Fernando Pereira do Nascimento Junior
 Gerson Barbosa Feitosam
 Gisele Batista Herdy
 Gloria Regina Zarate de Souza
 Hulda Correa de Lima Silva
 Isabel Christina Goudard Braga
 Izilda Maria Coutinho Araujo
 Jacira de Paiva Dobbin Barros
 Janaína Badini Tubenchlak
 Jane da Silva Chagas
 Janine de Souza Siqueira
 Joaquim Francisco de Pinho Filho
 Jorsélia Ferreira Santos
 José Augusto Costa Ribeiro
 José Renato Vieira Rodrigues
 Karla Christina Porto de Oliveira Ferreira
 Katia Cristina Eccard Bersot
 Layla Souza da Silva Amorim
 Liliane de Castro Matta Mangelli
 Lisiane de Aguiar Tavares
 Lucilene Nogueira Neves
 Lucimara de Oliveira Santos Coelho
 Máira Vieira do Vale
 Márcia Luzia Cardoso Carneiro
 Márcia Valéria Ribeiro de Britto
 Marco Antonio Barbosa Bustamante Sá
 Marcos Marcelino Costa de Barros
 Maria Augusta Ferreira Miguel
 Maria José dos Santos Tavares
 Maria Lúcia Xavier Cavalcante
 Maria Luiza Pereira Soares
 Mauro Soares
 Mercêdes Olympia Costa Durão de Barros
 Monica Bento da Silva
 Osvaldo Elias de Brito Borges
 Patrícia Ferreira Yamamoto
 Patrícia Lannes de Oliveira Rodrigues
 Regina Celia Saboia
 Regina Quintanilha Braga
 Renata Campos Rodrigues
 Roberta Adriana Anillo Monteiro
 Ronaldo Pimentel Baptista
 Rosa Therezinha Tavares Gomes
 Rosângela Dos Santos Corrêa
 Rose Mary S. C. Ribeiro
 Roseli Lemos
 Rosely Farias Sardinha
 Rosinete Vitorino Mendes Guimarães
 Sergio Mendonça Kienen
 Silvana Augusta De Freitas Mota
 Silviane de Oliveira Silva
 Simone Santos dos Reis
 Thaiza Valéria Silva Soares
 Valéria Gualter Coutinho
 Vagner Luiz Brum dos Santos
 Vanda de Assis Torres Barreto
 Vera Lucia Braga
 Washington Mousinho Lins dos Santos



LEIA OS OUTROS CADERNOS DESTA COLEÇÃO

